

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC – SP

HELOÍSA FELÍCIO

**REFERENCIAÇÃO E RETEXTUALIZAÇÃO NO ENSINO DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

Mestrado em Língua Portuguesa

São Paulo

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP

HELOÍSA FELÍCIO

REFERENCIAÇÃO E RETEXTUALIZAÇÃO NO ENSINO DE
LÍNGUA PORTUGUESA

Mestrado em Língua Portuguesa

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Língua Portuguesa, sob a orientação da Prof.(a) Doutora Vanda Maria da Silva Elias.

SÃO PAULO

2009

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para que ele se concretizasse.

À dedicação da minha orientadora, professora doutora Vanda Maria da Silva Elias que foi desde o início a incentivadora da pesquisa e sempre me orientou de forma tão profissional e humana. Obrigada!

Em especial, aos meus queridos pais, Francisco e Maria do Carmo que também me incentivaram, me ajudaram e me estimularam a fim de que tudo saísse sempre bem.

Às minhas duas queridas irmãs Elisabete e Eliana que também me apoiaram desde o início, me incentivaram e me ajudaram com as palavras de ânimo, e pelas contribuições que fizeram sobre a concretização do trabalho.

Ao meu querido Paulo, pela ajuda, paciência e compreensão das ausências e pelo tão precioso apoio que me dispensou durante a trajetória.

Ao grande amigo e também incentivador Luiz Carlos G. da Cunha Ferreira pelas inúmeras contribuições semanais que foram tão importantes.

À professora doutora Leonor Lopes Fávero e ao professor doutor Gil Roberto Costa Negreiros, que fizeram parte de minha banca de qualificação, pelas enriquecedoras contribuições para este trabalho.

A todos os professores do Programa de Língua Portuguesa, pelas importantes contribuições nas aulas.

Às minhas queridas amigas Valdeci, Renata, Fernanda, Maria, Penha pelo companheirismo e ajuda na concretização da empreitada.

À Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo pelo apoio financeiro e por acreditar que nós, professores, podemos contribuir para a melhoria da escola pública. Em especial as Sr^{as}. Kiyoko Akaiyama e Cidalia Maria Cepeda Siqueira, responsáveis pelo programa Bolsa Mestrado da Diretoria de Ensino de Moji Mirim.

A todos os amigos da Escola Estadual Luiz Martini.

Aos meus queridos alunos da Escola Prof. Cid Chiarelli que muitas vezes atenderam as minhas solicitações durante as tarefas, em especial ao Thiago, Pedro, Bruna, Alan e Lana.

Ao senhor Oswaldo que tanto me ajudou com as viagens semanais.

E a Deus, meu protetor e meu guia. Obrigada!

RESUMO

Neste trabalho de pesquisa, temos por tema a referenciação e objetivamos verificar como ocorre o processo de introdução e de retomada/manutenção de referentes textuais em retextualizações produzidas por alunos no Ensino Fundamental II de uma escola pública da cidade de Mogi Guaçu – SP. A pesquisa situa-se no campo da Linguística Textual e justifica-se devido à importância do tema, principalmente em um contexto de ensino de produção de texto em Língua Portuguesa que valorize a dimensão discursiva e pragmática da língua escrita. Tendo-se em vista o objetivo da pesquisa, selecionamos um *corpus* composto por cinco retextualizações elaboradas em relação a um conto de Machado de Assis e comparamos modos de constituição e de manutenção de referentes no texto-fonte e nas retextualizações selecionadas. Os resultados indicam que nas retextualizações os alunos, após introduzirem o referente, mantêm-no em saliência predominantemente por meio de repetição, pronominalização, elipse e expressões nominais definidas, garantindo a progressão referencial e a coerência do texto. Tanto no texto-fonte como nas retextualizações, os resultados apontam que os referentes textuais são introduzidos principalmente por nomes próprios e por expressões nominais definidas e indefinidas. Quanto às retomadas, o autor do texto-fonte utiliza a pronominalização, a repetição de referentes, a elipse, expressões nominais definidas e indefinidas e anáfora indireta.

Palavras-chave: referenciação, anáfora e retextualização.

ABSTRACT

In this research work, we have as theme the **Referencing** and our intention is to verify how occurs the process of introduction and resumption / maintenance of referencing textual in rewritten texts produced by students at the Middle School of a public school in the city of Mogi Guaçu, São Paulo state. The research is in Linguistics Textual field and it is justified by the significance of this theme, mostly by the context of the education for text production by Portuguese Language that values discursive and pragmatic dimension of written language. Thinking about the objective of the research, we selected a *corpus* composed by five rewritten stories of Machado de Assis tale called “The wallet”, and we compared how the referencing is introduced and maintained in the rewritten and the original story. The results show that in the rewritten stories, after introduced the referencing, the students maintained it mostly using the repetition of this referencing, or using pronouns, ellipse, and defined nominal expressions in order to guarantee the referencing progression and the text cohesion. Either in the original text or in the rewritten ones, the results point that the referencing are introduced mostly by names or by defined and undefined nominal expressions. Saying about the resumption and maintenance, the author of the original text uses the pronouns, the referencing repetitions, the ellipse, defined and undefined nominal expressions and indirect anaphora.

Key-words: Referencing, anaphora and rewritten texts.

DAS UTOPIAS

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos se não fora
A mágica presença das estrelas!

Mario Quintana - Espelho Mágico

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – REFERENCIAÇÃO	12
1 – Referenciação: uma atividade discursiva.....	12
1.1 – Estratégias de referenciação.....	17
1.2 – Progressão referencial.....	20
1.2.1 – Estratégias de progressão referencial.....	22
1.2.1.1 – Pronominalização.....	22
1.2.1.2 – Elipse.....	23
1.2.1.3 – Uso de expressões nominais definidas.....	24
1.2.1.4 – Uso de expressões nominais indefinidas.....	25
CAPÍTULO 2 – ANAFORIZAÇÃO	30
2 – Definição de anáfora.....	30
2.1 – Tipos de anáfora.....	35
2.1.1 – Anáforas correferenciais.....	36
2.1.1.1 – Anáforas correferenciais recategorizadoras.....	39
2.1.2 – Anáforas não-correferenciais.....	42
2.1.2.1 – Anáforas Indiretas.....	43
2.1.2.2 – Anáforas rotuladoras.....	55
CAPÍTULO 3 – RETEXTUALIZAÇÃO	59
3 – O texto falado e o escrito.....	59
3.1 – Retextualização: a passagem do escrito para o escrito.....	61
3.1.1 – Aspectos envolvidos na retextualização.....	65
3.1.2 – Operações de retextualização.....	67

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DAS RETEXTUALIZAÇÕES	73
4.1 – O <i>corpus</i> da pesquisa.....	74
4.2 – Procedimentos de análise.....	75
4.3 – Análise do <i>corpus</i>	77
4.3.1 – Apresentação do texto-fonte.....	77
4.3.2 – Análise do processo referencial no texto-fonte.....	82
4.3.3 – Análise do processo referencial nas cinco retextualizações baseadas no texto-fonte “A carteira”.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114
ANEXOS – TEXTOS ORIGINAIS COLETADOS	118

INTRODUÇÃO

Esta dissertação insere-se na linha de pesquisa *Leitura, Escrita e Ensino de Língua Portuguesa* e pretende analisar estratégias referenciais em retextualizações produzidas por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, identificando os elementos linguísticos que introduzem e retomam referentes no texto.

Considerando que, dentre os processos cognitivo-discursivos, a referenciação é um dos que mais colaboram na organização do texto, nos planos micro e macrotextuais, elaboramos as seguintes questões de pesquisa:

- 1) Como se constitui o processo referencial em retextualizações solicitadas em sala de aula e operadas no plano do escrito para o escrito?
- 2) Que estratégias os sujeitos retextualizadores usam para promover a introdução e a manutenção de referentes no texto?
- 3) O que as retextualizações revelam sobre os processos de referenciação e compreensão de texto?

A fim de dar conta do objetivo definido, selecionamos aleatoriamente um *corpus* composto por cinco retextualizações baseadas no conto de Machado de Assis “A carteira” e produzidas por alunos do 9º ano de uma escola municipal de Mogi Guaçu. Do ponto de vista metodológico, adotamos como procedimentos, além da pesquisa bibliográfica:

- 1) análise dos modos pelos quais houve a introdução e a manutenção de referentes no texto-fonte;
- 2) análise dos modos pelos quais os alunos introduziram e retomaram referentes na atividade de retextualização;
- 3) comparação de estratégias utilizadas para introdução e retomada de referentes no texto-fonte e nas retextualizações.

Fundamentamos a pesquisa em estudos sobre a retextualização realizados por Marcuschi (2008), Dell'Isola (2007) e Matêncio (2001); em estudos sobre a referenciação entendida como uma atividade realizada no e pelo discurso que envolve aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e interacionais e demanda o uso de estratégias que garantam a introdução e a manutenção de referentes, conforme defendem Mondada (2005), Mondada & Dubois (2003), Koch & Marcuschi (1998); em estudos sobre a anaforização realizados por Adam (2008), Apothéloz (2003), Cavalcante (2003, 2004, 2005), Koch (2006, 2008), Marcuschi & Koch (1998), Koch & Elias (2006), Marcuschi (2005), Zamponi (2003), Ilari (2001) e Milner (2003).

A dissertação está organizada em quatro capítulos, além da introdução, das considerações finais, das referências bibliográficas e dos anexos.

No **capítulo 1**, abordaremos a referenciação como atividade cognitiva, interativa e social no texto escrito, tendo como foco estratégias referenciais de introdução e retomada/ manutenção de referentes.

No **capítulo 2**, discorreremos sobre o processamento referencial anafórico, enfocando a anáfora como importante estratégia referencial no texto escrito.

No **capítulo 3**, trataremos do processo de retextualização, especialmente, do texto escrito para o texto escrito.

Por fim, no **capítulo 4**, faremos a análise pretendida, a fim de verificar como os alunos constroem o processo referencial na atividade de retextualização em comparação com o modo como ocorreu o fenômeno referencial no texto-fonte.

CAPÍTULO 1 – REFERENCIAÇÃO

1 – Referenciação: uma atividade discursiva

No final da década de 80, na área de estudos do texto, a construção da referência é um dos pontos mais importantes abordados por teóricos do quadro sociocognitivista, na tentativa de compreender como o sentido pode ser produzido interativamente.

A referenciação tornou-se objeto central de pesquisa de um grupo de autores franco-suíços que participavam do Projeto *Cognisciences*, entre os quais se destacam Apothéloz, Kleiber, Charrolles, Berrendonner, Reichler-Béguelin, Chanêt, Mondada e D. Dubois.

No Brasil, os trabalhos do grupo tiveram repercussão com Marcuschi, Koch e Salomão, segundo afirma Koch (2008). Esses pesquisadores passaram a dedicar especial interesse a questões ligadas à referenciação, vista como atividade de construção de objetos de discurso; à anáfora associativa, sua conceituação e sua abrangência; às operações de nominalização e suas funções, e o principal pressuposto dessas pesquisas é o da referenciação como atividade discursiva.

Na visão tradicional, a condição referencial da linguagem funda-se em uma relação direta entre as palavras e as coisas do mundo, devendo, assim, as formas linguísticas empregadas para tal fim ser analisadas em termos de verdade e de correspondência ou não com os objetos do mundo real. Nessa abordagem, segundo Mondada (2005), o signo se refere sempre a algo que lhe é exterior: o ato mental era abstraído da relação, a fim de se conceber uma transparência entre as palavras e as coisas. A questão da referência e da verdade era reduzida à relação de correspondência entre representações simbólicas e mundo ou universo discursivo.

Essa visão tradicional, de que a língua é um sistema de etiquetas que se ajustam mais ou menos bem às coisas, foi posta em questão por aqueles que assumem a perspectiva segundo a qual as categorias e os objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas elaborados no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos, conforme observam Mondada & Dubois (2003, p. 07):

Ao invés de se privilegiar a relação entre as palavras e as coisas, desvia-se o foco para a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadores.

Por esta razão, as autoras (2003) passam a utilizar o termo **referenciação** para tratar da referência como um processo realizado no discurso, resultante não de uma ontologia dada, mas de práticas simbólicas complexas, que, em uma dimensão intersubjetiva, são responsáveis por produzir a ilusão de um mundo objetivo. De acordo com as autoras, passam a ser objeto de análise as atividades de linguagem realizadas por sujeitos históricos e sociais em interação, sujeitos que constroem mundos textuais cujos objetos não espelham fielmente o “*mundo real*”, mas são, isto sim, interativamente e discursivamente constituídos em meio a práticas sociais, ou seja, são objetos de discurso.

De acordo com Mondada, em citação de Koch (2005, p. 34)

a questão da referência é um tema clássico da filosofia da linguagem, da lógica e da linguística: nestes quadros, ela foi historicamente posta como um problema de representação do mundo, de verbalização do referente, em que a forma linguística selecionada é avaliada em termos de verdade e de correspondência com ele (o mundo). A questão da referenciação opera um deslizamento em relação a este primeiro quadro: ela não privilegia a

relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas.

É por meio dessa ideia de objetos construídos discursivamente que Mondada (2005, p. 11 e 12) fala em “processos contextuais de construção de categorias”, que devem ser entendidas como fenômenos discursivos, sempre construídas em uma dimensão discursivo-interacional: “a escolha e formulação de um objeto implica processos de categorização, ligados não somente à denominação do objeto, mas especialmente à sua configuração no discurso”. Por essa forma de entender as categorias, o léxico não pode ser visto como um conjunto de etiquetas disponíveis, mas como um material constantemente retrabalhado no discurso.

A construção de objetos do discurso passa a ser negociada dentro de certo contexto pelos sujeitos envolvidos segundo as posições sociais e ideológicas que ocupam. A estabilização da antiga noção cede lugar à instabilidade e à mudança, intrínsecas ao discurso e à cognição. No lugar de pressupor uma estabilidade *a priori* das entidades do mundo e na língua, reconsidera-se a questão partindo da instabilidade constitutiva das categorias cognitivas e linguísticas, assim como de seus processos de estabilização. O sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente às categorias manifestadas no discurso. (Mondada & Dubois, 2003).

Para as autoras (2003, p. 29) a instabilidade das categorias está associada às suas ocorrências, por meio de práticas enunciativas ou interativas, nas quais “os locutores negociam uma versão provisória, contextual, coordenada do mundo”. Essas instabilidades ocorrem em todos os níveis da organização linguística, indo das construções sintáticas às configurações de objetos de discurso e são particularmente observáveis na produção oral, podendo ser observadas também nos textos escritos, em que a denominação dos objetos pode ser negada, reformulada, corrigida pela proposição de uma outra descrição, indicada como sendo mais adequada.

Ainda, segundo as autoras, os objetos de discurso são entidades constituídas nas e pelas formulações discursivas dos participantes no ato da enunciação, portanto, a referenciação constitui uma atividade discursiva. É o resultado de uma operação colaborativa dos parceiros na interação que se realiza quando se usa um termo ou se cria uma situação discursiva referencial com a finalidade de designar, representar ou sugerir algo que será visto como objeto de discurso.

A referenciação é um processo realizado negociadamente no discurso e que resulta na construção de referentes, de tal modo que a expressão **referência** passa a ter um uso completamente diverso do que se atribui na literatura semântica em geral. Referir não consiste em uma atividade de “etiquetar” um mundo existente, mas sim em uma atividade discursiva em que os referentes passam a ser objetos de discurso e não realidades independentes. Isto não significa negar a existência da realidade extra-mental, nem estabelecer a subjetividade como parâmetro do real. Em outras palavras, pode-se dizer que a realidade empírica, mais do que uma experiência estritamente sensorial especularmente refletida pela linguagem, é uma construção da relação do indivíduo com a realidade, conforme afirmam Mondada & Dubois (2003, p. 20):

Em resumo, passando da referência à referenciação, vamos questionar os processos de discretização e de estabilização. Essa abordagem implica uma visão dinâmica que leva em conta não somente o sujeito encarnado, mas ainda um sujeito sociocognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo. Este sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente as categorias manifestadas no discurso.

Em outras palavras, a maneira pela qual categorizamos o mundo e o dizemos no discurso é resultado de um trabalho complexo que envolve percepção, negociação e várias estratégias complexas. Não acontece apenas na mente de quem fala e não é a seleção automática de termos que descreve precisamente uma

dada realidade. Os referentes não se apresentam naturalmente no mundo. Designá-los e introduzi-los no discurso implica escolhas motivadas e aprovadas na interação.

Em concordância com as autoras, não assumimos a concepção da referência no sentido que lhe é mais tradicionalmente atribuído, como atividade de espelhamento do mundo, mas sim como uma atividade discursiva, em que os referentes passam a ser “objetos de discurso” e não realidades independentes, que pré-existem ao discurso. A realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com o entorno físico, social e cultural.

Dentro dessa concepção, Koch e Marcuschi (1998) defendem que a discursivização ou textualização do mundo por meio da linguagem não se resume a um simples processo de elaboração de informações, mas a um processo de (re)construção do próprio real. Os objetos de discurso não se confundem com a realidade extralinguística, mas (re)constroem-na no próprio processo de interação, ou seja, a realidade é construída, mantida e alterada não pela forma como nomeamos o mundo, mas, principalmente, pela forma como sociocognitivamente interagimos com ele.

Particularmente, Koch (2004) afirma que a referenciação constitui uma atividade discursiva, por meio da qual o sujeito, por ocasião de interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, viabilizando escolhas significativas para representar estados de coisas. A autora (2006, p. 80) assume a posição de Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995) para quem

a referência diz respeito sobretudo às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve; e o discurso constrói aquilo a que faz remissão, ao mesmo tempo que é tributário dessa construção. Isto é, todo discurso constrói uma representação que opera como uma memória compartilhada, “publicamente” alimentada pelo próprio discurso.

Koch (2006a, p. 79-80) destaca, ainda, que a referenciação é a reelaboração do real captada pelo cérebro e transmitida no discurso de forma subjetiva, obedecendo a restrições históricas, culturais, sociais e decorrentes do uso da língua. A autora entende, assim, que a referenciação é “uma atividade realizável com a língua sem implicar uma relação especular língua-mundo”.

Os objetos de discurso são dinâmicos, segundo Koch (2006b, p. 79), visto que, uma vez introduzidos, podem ser modificados, desativados, reativados, transformados, recategorizados, contribuindo para construir ou reconstruir o sentido no curso da progressão textual.

Importante é considerar que não se deve tratar da relação linguagem e mundo sem pensá-la como ação interativa, criativa, discursiva. Nos dizeres de Zamponi (2005, p. 173) “a referenciação é uma atividade de construção colaborativa situada e não apenas uma operação linguística”, o que permite afirmar que a atividade referencial é, antes de tudo, uma ação criativa, complexa e fundamental para a construção do sentido, do conhecimento de mundo, bem como para as atividades de produção e compreensão de texto.

1.1 – Estratégias de referenciação

Considerando a referenciação como atividade discursiva, os objetos de discurso são constituídos/reconstituídos a partir dos movimentos de **introdução** (construção), **reconstrução** (retomada) e **desfocalização** (desativação) de referentes, segundo Koch (2008, p. 33).

A estratégia de **introdução ou construção** ocorre quando um objeto textual, até então não mencionado, é introduzido no texto, passando a preencher um nóculo ("endereço" cognitivo) na rede conceptual do modelo de um mundo textual. A expressão linguística que o representa é posta em foco, deixando este objeto saliente no modelo textual. Apresentamos o seguinte exemplo em que o objeto de discurso *poucos estudiosos* é introduzido no texto.

(1) "Hoje há **poucos estudiosos** empenhados em produzir pesquisa de bom nível sobre a universidade brasileira. Entre eles, a antropóloga Eunice Durham, 75 anos, vinte dos quais dedicados ao tema..." (Veja, 26/11/08)

Neste exemplo, ocorre a introdução do objeto de discurso “poucos estudiosos” que fica saliente no modelo textual, podendo ser reativado a qualquer momento.

Essa entidade introduzida e recentemente ativada pode, então, submeter-se a duas alternativas subsequentes:

- Ou ser reativada pelo recurso da anáfora e permanecer saliente no discurso.
- Ou não ser retomada anaforicamente e sair de foco, preservando o estatuto de introdução referencial.

De acordo com Koch (2006b), os processos de **construção** (de ativação) de referentes textuais são de dois tipos e, para designá-los, a autora se vale dos termos cunhados por Prince (1981), para defender que tal ativação pode ser “**ancorada**” e “**não-ancorada**”.

A introdução será **não-ancorada** quando um objeto de discurso totalmente novo é introduzido no texto. Quando for representado por uma expressão, esta opera uma categorização do referente.

Tem-se uma ativação **ancorada** sempre que um **novo** objeto de discurso é introduzido no texto, tomando como base algum tipo de associação com elementos presentes no cotexto ou no contexto sociocognitivo, podendo ser estabelecidos por associação e/ou inferenciação. De acordo com Koch & Elias (2006, p. 127), as anáforas indiretas¹ são exemplo desse tipo de ativação.

¹Segundo Koch (2006a), as anáforas indiretas caracterizam-se pelo fato de não existir no cotexto um antecedente explícito, mas sim um elemento de relação que se pode denominar “âncora” e que é decisivo para a interpretação.

Outra estratégia é a da **reconstrução ou retomada** de referentes que ocorre quando um objeto já presente no texto é reintroduzido na memória operacional por meio de uma forma referencial, de modo que o *objeto de discurso* permaneça em foco. Exemplificamos com o seguinte trecho:

(2) “Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá completam neste sábado, dia 22, 200 dias de prisão preventiva. No curso de quase sete meses, **o casal** acusado do assassinato da menina Isabella...”
(Veja, 26/11/08)

Os referentes introduzidos *Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá*, são retomados por meio de uma expressão nominal (o casal), permanecendo, assim, em foco.

A estratégia **de desfocalização ou desativação** ocorre quando um novo *objeto de discurso* é introduzido, passando a ocupar a posição focal. O objeto retirado de foco, entretanto, permanece em estado de ativação parcial, podendo voltar à posição focal a qualquer momento; ou seja, ele continua disponível para a utilização imediata na memória dos interlocutores. Exemplificamos com o seguinte texto:

(3) “Morreu **Fajardo**, o maior reprodutor da história da pecuária nacional. Com o vigor de seus 1080 quilos bem distribuídos e uma enorme capacidade de melhoramento genético, o touro produziu ao todo 460 000 doses de sêmen – as mais disputadas do mercado. **Os pecuaristas** estimam que esse comércio rendeu dezenas de milhões de reais a seu proprietário, Helder Galera. Deprimido com a perda, Galera resolveu investir 30 000 reais no embalsamento do animal. Empalhado, o touro será exposto na Fazenda Eldorado, em Pontalinda, São Paulo. Fajardo gerou 275 000 filhos. Deixa mãe, a vaca Bailarina, de 22 anos. Dia 28 de fevereiro, aos 16 anos, de infarto”. (Veja, 11/03/2009)

No exemplo apresentado, o objeto de discurso “*Fajardo*” é introduzido, mas retirado de foco quando se introduz no discurso o referente “os pecuaristas”. Embora deslocado, o referente “*Fajardo*” continua disponível para utilização imediata na memória dos interlocutores, podendo voltar à posição focal a qualquer momento.

Se, por um lado, esse movimento: **introdução/reconstrução/desfocalização**, que é recursivo, constrói o objeto e estabiliza seu significado; por outro, esses movimentos reelaboram o referente, modificando-o constantemente (ainda que de forma mínima), uma vez que, a cada retomada, acrescentam-se informações ou avaliações acerca do referente.

1.2 – Progressão referencial

Koch & Marcuschi (1998) definem progressão referencial como o “processo que diz respeito à introdução, preservação, continuidade, identificação e retomada de referentes textuais, correspondendo às estratégias de designação de referentes e formando o que se pode denominar **cadeia referencial**”. A progressão referencial, segundo os autores, se dá com base numa complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento. Em outras palavras, para os autores, essa relação se estabelece no discurso. Assim, os referentes não são tomados como entidades estáveis, mas como objetos de discurso. O léxico não é, por isso, auto-suficiente. Quando um item lexical aparece mais de uma vez em um texto, não tem o mesmo significado, não sendo, por isso, cossignificativo. A questão da cossignificação será abordada mais adiante no tópico sobre referenciação anafórica.

Dessa forma, segundo Koch & Elias (2009, p. 144), ao remetermos seguidamente a um mesmo referente ou a elementos ligados a ele, formamos **cadeias referenciais responsáveis pela progressão referencial do texto**. Essa retomada a elementos já presentes no texto constitui um princípio de construção textual e, praticamente, todos os textos possuem uma ou mais cadeias referenciais. Ainda, para as autoras, nas sequências narrativas, poderão aparecer várias cadeias:

uma relacionada ao protagonista, outra referente ao antagonista e, provavelmente outras que irão se referir aos demais personagens da história. Nas sequências descritivas aparecerá pelo menos uma cadeia referencial ligada ao elemento que está sendo descrito e nas expositivas ocorrerá uma cadeia anafórica principal que fará referência à ideia principal que está sendo desenvolvida, podendo haver outras relativas aos demais referentes que foram sendo apresentados.

Assim, a **progressão referencial** de um texto refere-se às estratégias linguísticas por meio das quais se firmam (estabelecem) entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmo sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas ou pragmático-discursivas, contribuindo para a progressão do texto, segundo afirmam Koch & Marcuschi (1998).

A progressão referencial permite a elaboração, no texto, de um sentido indicando os pontos de vista, assinalando direções argumentativas. No decorrer dessa progressão, os objetos de discurso são mantidos ou modificados, ou, então, novos objetos de discurso são criados, conforme descrevemos no tópico sobre as estratégias de progressão referencial.

A respeito das formas de progressão referencial, Koch & Elias (2009, p. 138) afirmam que

para garantir a continuidade de um texto é preciso estabelecer um equilíbrio entre duas exigências fundamentais: repetição (retroação) e progressão. Isto é, na escrita de um texto, remete-se, continuamente, a referentes que já foram antes apresentados e, assim, introduzidos na memória do interlocutor; e acrescentam-se as informações novas, que, por sua vez, passarão também a constituir o suporte para outras informações.

1.2.1 – Estratégias de progressão referencial

Ao falar em **progressão referencial**, Koch (2006a, p. 85) menciona os principais tipos de *estratégias* que podem ser realizadas por uma série de elementos linguísticos: uso de pronomes, de elipses, de expressões nominais definidas e de expressões nominais indefinidas. O uso dessas estratégias permite a construção, no texto, de cadeias referenciais por meio das quais se procede à categorização ou recategorização discursiva dos referentes.

1.2.1.1 – Pronominalização

A referenciação pode realizar-se por intermédio de formas gramaticais que exercem a “função pronome” (pronomes propriamente ditos, numerais, advérbios pronominais) e podem ser descritas pelos estudos linguísticos como **pronominalização**, segundo Koch (1989). Essas formas são aquelas que não acompanham um nome dentro de um grupo nominal, mas são utilizadas para fazer remissão, anafórica ou cataforicamente, a um ou mais constituintes do universo textual.

Os pronomes pessoais retos de 3ª pessoa: **ele, ela, eles, elas**, bem como os pronomes oblíquos: **o, a, os, as**, quando utilizados no texto, fornecem ao leitor instruções de conexão a respeito do elemento de referência com o qual tal conexão deve ser estabelecida. Quando forem anafóricos, esses pronomes têm por tarefa sinalizar que as indicações referenciais das predicções sobre o pronome devem ser colocadas em relação com as indicações referenciais de um determinado grupo nominal do contexto precedente. Em caso de haver mais de um grupo nominal que poderia ser potencialmente o elemento de referência, por preencher as condições de concordância do pronome, as indicações referenciais das predicções feitas sobre cada elemento desempenham papel decisivo para o leitor decidir sobre qual dos possíveis elementos de referência ele deve identificar efetivamente como tal. (cf. Koch, 1989, p. 37-38)

Por sua vez, os **pronomes** indefinidos, possessivos, demonstrativos, interrogativos e relativos podem aparecer isolados, isto é, sem a presença de um determinante. Esses pronomes concordam em gênero e número com o elemento de referência, ou remetem, geralmente a fragmentos oracionais, orações, enunciados ou a todo o contexto anterior. Os pronomes **este, aquele, isto, aquilo** podem, ainda, exercer função localizadora, ou seja, podem dar ao leitor instruções sobre a localização dos respectivos referentes no texto.

1.2.1.2 – Elipse

Nos estudos linguísticos a elipse, segundo Koch (2006a), também pode ter função referencial e se justifica quando, ao remeter a um enunciado anterior, a palavra elidida é facilmente identificável. Trata-se de uma das estratégias referenciais mais comuns da língua, pois permite não repetir um sintagma nominal ou até mesmo um pronome pessoal anafórico, como apresentamos no exemplo a seguir:

(4) Detido o major **Nidal Malik Hasan**, do Exército americano, que matou doze companheiros e um civil dentro da maior base militar dos Estados Unidos, Fort Hood, no Texas, por onde passam mais de 100 000 pessoas por dia. **Ele** abriu fogo contra uma instalação médica repleta de soldados. Enquanto \emptyset atirava, \emptyset gritava “Allahu Akbar”, que em árabe significa “Deus é grande”. [...] (Veja, 11/11/09)

Em relação a esse fenômeno, Adam (2008, p. 172) afirma que “é preciso ver na elipse uma fonte de variantes expressivas e de efeitos de sentido”. A elipse consiste na supressão de palavras que seriam necessárias à plenitude da construção, mas as que são expressas dão a entender o suficiente para que não reste nem obscuridade nem incerteza. Para o autor, a forma elíptica constitui enquanto forma um verdadeiro operador de dependência entre enunciados distintos.

1.2.1.3 – Uso de expressões nominais definidas

Ao abordar a progressão referencial, Koch (2006a) situa as expressões nominais definidas como uma das principais estratégias de referenciação. As expressões ou formas nominais definidas são aquelas, geralmente, constituídas de um determinante (artigo definido ou pronome demonstrativo) seguido de um nome e/ou modificador.

As descrições nominais definidas, de acordo com Koch (2008, p. 37),

caracterizam-se por operar uma seleção, dentre as diversas propriedades caracterizadoras de um referente – reais, co(n)textualmente determinadas ou intencionalmente atribuídas pelo locutor -, daquelas que, em dada situação de interação, são relevantes para os propósitos do locutor.

Muitos estudiosos têm apontado as **descrições nominais definidas** como expressões típicas do processo discursivo de referenciação, admitindo que tais formas têm, de acordo com a autora (2004, p. 244), a função de remeter “a elementos presentes no cotexto ou detectáveis a partir de outros elementos nele presentes”.

O uso de uma **descrição nominal definida** implica sempre uma escolha dentre as propriedades ou qualidades capazes de caracterizar o referente, escolha esta que será feita, em cada contexto, em função do projeto de dizer do produtor do texto. Trata-se, em geral, da ativação, dentre os conhecimentos pressupostos compartilhados com o(s) interlocutore(s), de características ou traços do referente que o locutor procura ressaltar ou enfatizar. Entretanto, o importante é que, como explica Koch (2006b, p. 69): “A escolha de determinada descrição definida pode trazer ao leitor/ouvinte informações importantes sobre as opiniões, crenças, atitudes do produtor do texto, auxiliando-o na construção de sentido”.

Também, conforme a autora, pode dar a conhecer ao interlocutor, com os mais diferentes propósitos, propriedades ou fatos relativos ao referente que o produtor do texto acredita desconhecidos do parceiro.

1.2.1.4 – Uso de expressões nominais indefinidas

A referenciação também pode ser constituída por **expressões nominais indefinidas**. Teorias tradicionais afirmam que o **artigo indefinido** serve exclusivamente para introduzir referentes novos em um texto/discurso, em contraste com as expressões nominais definidas, que podem retomar referentes previamente introduzidos (Cunha Lima, 2005, p. 199).

De acordo com Cunha Lima (2005), o papel dos **indefinidos** para a realização de anáforas tem chamado a atenção de diversos pesquisadores, como Schwarz² (2000) e Koch (2006a). As autoras são unânimes em afirmar que, ao contrário do que se previu inicialmente, **o indefinido** também funciona como introdutor de anáforas e também serve à continuidade referencial.

Em seus estudos, Koch (2006a) afirma que essas expressões nominais introduzidas por artigo indefinido não são normalmente adequadas para a retomada de referentes já introduzidos no texto, porém, em algumas circunstâncias, elas podem desempenhar tal função. A partir dos estudos de Schwarz (2000), Koch apresenta os três desses principais casos:

² A oposição entre artigos definido e indefinido é muitas vezes igualada à oposição entre informação dada e nova, servindo **os indefinidos** apenas para introduzir novos referentes. A possibilidade de ocorrências anafóricas de expressões indefinidas é, portanto, ignorada, quando não ativamente negada na maioria das teorias semânticas sobre definitude e sobre o indefinido. Recentemente, segundo Cunha Lima (2004), alguns estudiosos como Koch (2006) e Schwarz (2000) apontaram a ocorrência do fenômeno, apesar de não terem oferecido uma análise completa das condições em que ele pode ocorrer.

1 – Quando se seleciona um referente no interior de um conjunto já mencionado, como apresentamos no seguinte exemplo.

(5) Ao processo “Estados Unidos X Opportunity Fund”, que apura atividades do grupo de Daniel Dantas naquele país, acabam de ser anexados **documentos sigilosos** da Operação Satiagraha. **Um deles** relaciona 72 brasileiros no fundo, que, pela lei, só poderia ter clientes estrangeiros. [...] (Istoé, 23/07/09, p. 35)

2 – Quando se nomeiam partes de um referente previamente mencionado ou, então, conscientemente, não se especifica melhor o referente, para criar um efeito de suspense, como aparece no seguinte exemplo.

(6) O Comitê Investigativo do Escritório da Promotoria Geral Russa anunciou a abertura de um inquérito criminal para averiguar **o desfalque** e declarou acreditar que a empresa foi paga três vezes pelo mesmo serviço, o que apontaria **um possível desvio** feito pela agência federal. (Istoé, 23/07/09, p.35)

3 – Quando a expressão anafórica focaliza mais fortemente a informação que veicula do que o prosseguimento da cadeia coesiva. Exemplificamos com o seguinte trecho:

(7) Também causa espanto a postura radical de **José Sarney, um jornalista de profissão** que se orgulha de ter sido o paladino da redemocratização.

Importante frisar, segundo Cunha Lima (2004), que a classificação proposta por Schwarz (2000) é uma das primeiras disponíveis para o fenômeno tendo o

grande mérito de apontar sua existência além de selecionar vários tipos diferentes de ocorrência. Outro ponto importante é que esta classificação não era o objetivo principal de Schwarz em seu trabalho, tampouco explicar o uso do definido *versus* indefinido, mas investigar as ocorrências de anáforas indiretas. No entanto, em seus estudos, Schwarz observa que os critérios que permitem o uso do indefinido são inconsistentes entre si, envolvendo ora critérios estilísticos, ora semânticos, ora relacionados ao processamento cognitivo.

Como também aponta Koch (2006a), existem ocorrências que não caem em nenhum dos três tipos propostos apresentados anteriormente, como no exemplo apresentado por Cunha Lima (2004):

(8) Deus que não tinha problema de verba, nem uma oposição para ficar dizendo “Projetos faraônicos! Projetos faraônicos!”, resolveu, numa semana que não tinha mais nada para fazer, criar o mundo. E criou o céu e a terra e as estrelas, e viu que eram razoáveis. Mas achou que faltava vida na sua criação e - sem uma idéia muito firme do que queria - começou a experimentar com formas vivas. Fez amebas, insetos, répteis. As baratas, as formigas etc. Mas, apesar de algumas coisas bem resolvidas – a borboleta, por exemplo -, nada realmente o agradou. Decidiu que estava se reprimindo e partiu para grandes projetos: o mamute, o dinossauro e, numa fase especialmente megalomaniaca, a baleia. Mas ainda não era bem aquilo. E então bolou **um bípede. Uma variação do macaco**, sem tanto cabelo. (Luis Fernando Veríssimo, *Homens*, p. 56-57 “As mentiras que os homens contam”)

Esse exemplo não é caso de **uso partitivo** existente no texto (5) nem tampouco **cria suspense** como se observa no exemplo (7), e é difícil decidir se o mais importante é **a informação nova ou a cadeia coesiva** conforme se vê no exemplo (8).

Em seus estudos, Cunha Lima (2005) afirma que muitos exemplos de **indefinidos** anafóricos foram retirados da língua escrita (jornais e revistas de grande circulação e textos literários contemporâneos) e neles identificada grande quantidade de relações semânticas possíveis entre o indefinido e seu antecedente, desde a repetição e a recategorização até a anáfora associativa. Como resultado desse exame, duas grandes categorias de **indefinidos** anafóricos foram propostas pela autora: (1) eles expressam uma relação **meronímica** ou (2) uma operação que nomeamos como **identificação de tipo**.

Em relação ao tipo 1, as ocorrências meronímicas são caracterizadas pela existência de algum tipo de relação (parte-todo, por exemplo) entre antecedente e anafórico. Em todos esses casos, o termo anafórico não retoma o antecedente, mas só pode ser interpretado com relação a ele. Essas ocorrências se subdividem em três tipos, de acordo com Cunha Lima (2005): anáfora partitiva, anáfora associativa e anáfora especificadora.

Quanto ao tipo 2, a identificação de tipo é alterada pela presença de outros elementos na oração, sobretudo a presença de um evento ou de uma ação, expressos normalmente pelo verbo, forçando o estabelecimento de um novo membro do conjunto como referente.

Qualquer que seja o mecanismo que realiza a anáfora no caso das expressões indefinidas está sujeito a um condicionamento: uma expressão nominal indefinida só é anafórica quando nenhum evento novo é expresso na sentença que a contenha, segundo a autora (2005). Toda vez, pois, que um novo evento é expresso, um novo referente é estabelecido. Se não há novo evento, o referente estabelecido é mantido.

O estudo acerca da referenciação, das estratégias de referenciação, das formas de introdução de referentes, da progressão referencial, bem como das estratégias de progressão referencial se mostra relevante para o desenvolvimento desta dissertação por envolver aspectos importantes para se compreender o funcionamento da língua e a organização de textos e discursos.

No campo da referenciação, a anáfora assume lugar de grande importância, pois se constitui em uma das estratégias mais importantes de coesão e coerência do texto. Considera-se, também, que o estudo da anáfora é um campo em plena renovação teórica e metodológica, e é o que abordaremos a seguir.

CAPÍTULO 2 – ANAFORIZAÇÃO

2 – Definição de anáfora

Nas considerações feitas no capítulo anterior, enfatizamos que os referentes são objetos de discurso que vão sendo construídos e reconstruídos durante a interação verbal. Nesse cenário, ganham especial destaque **as anáforas**, considerando o recorte de nossa pesquisa.

A literatura sobre a anáfora é vasta e rica. Várias são as abordagens teóricas que buscam fornecer uma descrição para o fenômeno, e muitos são os estudiosos que se dedicam ao estudo da anáfora e sua função no universo textual. Neste trabalho de pesquisa, evidenciamos alguns desses estudos e suas contribuições para a descrição do fenômeno.

Abordaremos as anáforas **correferenciais** e as **não-correferenciais**. O estudo fundamenta-se na noção primeira de que as expressões referenciais não se reduzem a promover a simples identificação de nexos da estrutura sintagmática do texto. Muito mais que isso, elas expressam relações envolvendo dimensões pragmático-discursivas. Para tanto, procedemos a uma revisão da literatura com base nos respectivos autores: Adam (2008), Apothéloz (2003), Cavalcante (2003, 2004, 2005), Koch (2006a, 2008), Marcuschi & Koch (1998), Koch & Elias (2006), Marcuschi (2005), Zamponi (2003), Ilari (2001) e Milner (2003).

O termo anáfora, na retórica clássica, segundo Marcuschi (2005, p. 54), indicava a repetição de uma expressão ou sintagma no início de uma frase. Atualmente a noção de anáfora se distancia da noção original e, na Linguística Textual, o termo é utilizado para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos (retomando-os ou não), contribuindo para a continuidade tópica ou referencial.

Ao situar as anáforas em sua proposta classificatória, Cavalcante (2004, p. 6) assim se refere:

Sugerimos que neste nicho (*das anáforas*) se abriguem todas elas: diretas e indiretas, com dêiticos ou sem dêiticos. Esta proposta de reenquadramento apresenta a vantagem de preservar uma intuição comum, em Linguística Textual, de que todo recurso referencial que remeta, no mínimo, a qualquer âncora do cotexto é, no fundo, anafórico.

Nessa proposta, a autora (2004) classifica as anáforas em **correferenciais** e **não-correferenciais**. No primeiro grupo, abrigam-se as anáforas diretas, chamadas correferenciais. Elas podem ser recategorizadoras ou não. No segundo grupo, as anáforas não-correferenciais também denominadas de indiretas (AI), as quais serão retomadas mais adiante.

Ainda se pode afirmar com base em Cavalcante (2004) que as anáforas correferenciais retomam o referente cotextualmente e abrangem qualquer processo em que duas expressões referenciais designam o mesmo referente, não importando o fato de a expressão anafórica remeter retrospectivamente ou prospectivamente a ele. São, segundo a autora, aquelas que operam uma retomada, que pode ser total ou parcial.

As anáforas não-correferenciais são aquelas que fazem remissão a algum elemento do cotexto ou presente na memória discursiva.

Segundo Hênio Tavares, do ponto de vista da Teoria Literária e da “Poética”, **anáfora** é a repetição da mesma palavra ou expressão no início de frases, períodos ou versos.

O conceito no qual um anafórico se refere a seu antecedente deve ser repensado, tendo em vista que as formas de retomada são expressões referenciais no sentido mais geral do termo, ou seja, não se limitam à relação termo a termo, nem a expressões metalinguísticas ou metadiscursivas, segundo Apothéloz (2003). Ele reconhece, também, que um antecedente não é um elemento indispensável ao funcionamento das formas de retomada.

O autor considera problemática a noção de antecedente como segmento textual unívoco em sua relação semântica com a forma de retomada, posto que pode surgir no texto uma expressão anafórica que identifica o referente não com denominação ao antecedente, mas com formas de retomadas atributivas para identificar o referente como é o caso do exemplo:

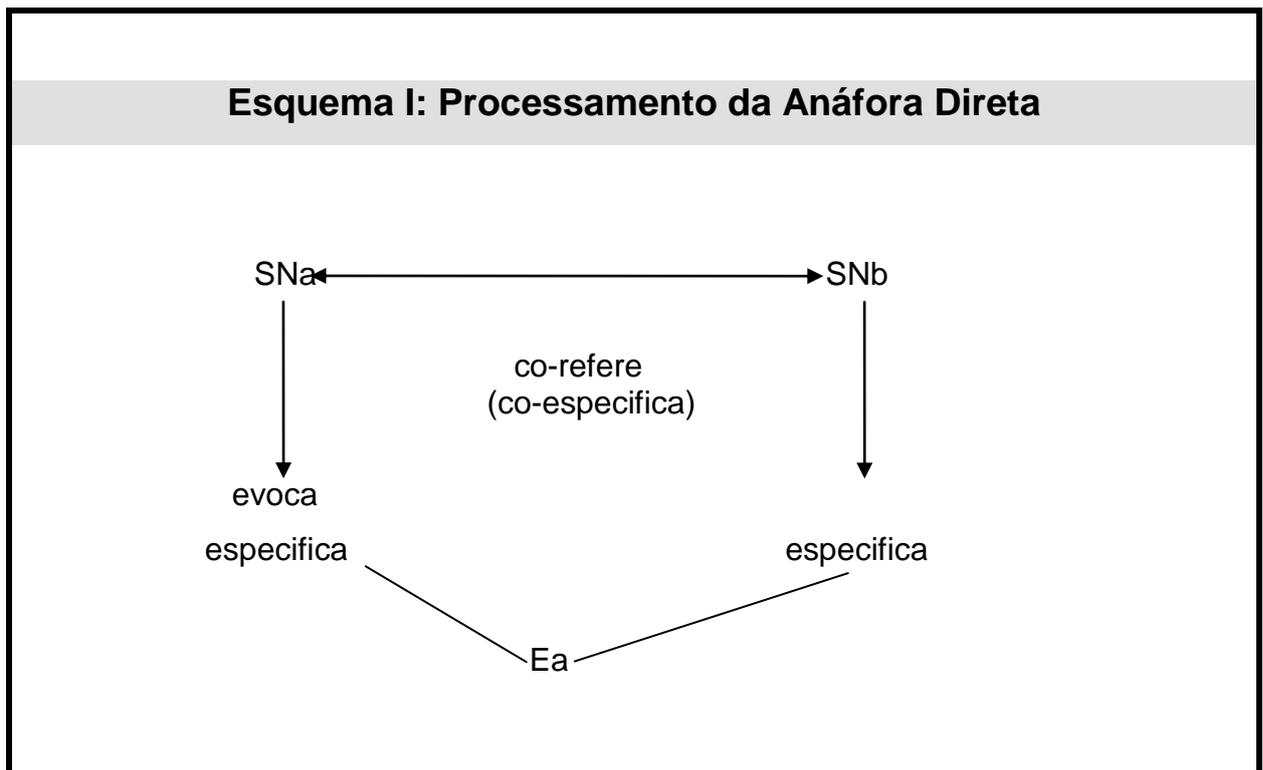
(9) A descoberta de **um fóssil** revolucionou a teoria da evolução dos grandes predadores pré-históricos. Batizado de Raptorex, ele viveu há 125 milhões de anos na China – 60 milhões de anos, portanto, antes do Tyrannosaurus rex, um gigante de 12 metros e seis toneladas. Achava-se que “**esse monstro**” era fruto da evolução.
(Istoé, 23/07/09, p. 25)

As considerações feitas nos levam a entender que a interpretação das anáforas requer muito mais que a recuperação de um antecedente atualizado previamente no discurso por se tratar de um processo no qual se põe em jogo inferências e pressuposições. A referência anafórica implica, portanto, a mobilização de conhecimentos a partir das instruções do texto e daquelas que o co-enunciador pode inferir graças à sua bagagem enciclopédica e cultural.

A anáfora nem sempre é pronominal nem correferencial, segundo Marcuschi & Koch (1998). Também nem sempre tem um antecedente explícito no cotexto; nem sempre implica uma retomada. O conceito de anáfora, para esses autores, é bem mais amplo. A anáfora é um processo em que se dá uma relação entre dois elementos textuais, com diferentes configurações, em que a progressão referencial

não ocorre necessariamente pela retomada, mas sempre por algum tipo de remissão. Pode acontecer de o antecedente não estar explícito lexicalmente, mas inferido no contexto, o que define a anáfora como uma estratégia de textualização que não supõe continuidade linear de referentes.

É importante destacar que na visão clássica e linear de anáfora não se discute o processo de referenciação em todas as suas implicações, deixando para trás uma série de questionamentos quanto à dinâmica textual, pois para Marcuschi (2005, p. 55): “Em sua essência, a anáfora é um fenômeno de semântica textual de natureza inferencial e não um simples processo de *clonagem referencial*.” Nesse panorama, o autor propõe um esquema de processamento da anáfora direta o qual apresentamos a seguir.



(Marcuschi, 2005, p. 57)

Neste esquema, um *SNa* (sintagma nominal na função de antecedente) evoca e especifica um referente, sendo que um outro *SNb* (um sintagma ou um pronome na função de anáfora) apenas co-refere e co-especifica, mas não introduz um novo referente, tratando-se de uma reativação. O símbolo *Ea* indica que a especificação referencial é uma só e corresponde ao sintagma introduzido inicialmente.

Ilari (2001, p. 94) também chama a atenção para o fato de serem a anáfora e a correferência fenômenos correlacionados, mas distintos. Para ele, a linha de reflexão que acredita ser o fundamento da anáfora uma operação semântica de correferência é reducionista, pois pode haver anáfora entre expressões nominais mesmo quando essas expressões não são referenciais e, reciprocamente, é possível haver correferência entre sintagmas nominais que aparecem em pontos diferentes de um mesmo texto, sem que haja anáfora. Em outros casos, é possível anaforizar omitindo o anafórico. Essa possibilidade se manifesta de várias maneiras, que em sua maioria envolvem o uso de expressões relacionais, sejam elas predicados de dois lugares (inclusive predicados comparativos), expressões que identificam papéis temáticos, expressões que indicam o nexos entre dois conteúdos proposicionais, ou outras, como aparece no exemplo do autor.

(10) Um cachorro foi atropelado na Avenida Samuel Martins. **Por muito menos** já houve mortes na Vila Cristo. (Ilari, 2001, p. 99)

Na interpretação de Ilari, a expressão destacada **por muito menos** providencia a continuidade referencial e corresponde a **por muito menos do que um atropelamento daquele cachorro**, em que o anafórico é omitido.

Ao estudar a anáfora, Milner (2003, p. 94) apresenta a seguinte definição:

Há relação de anáfora entre duas unidades A e B quando a interpretação de B depende crucialmente da existência de A, a ponto de se poder dizer que a unidade B só é interpretável na medida em que ela retoma – inteira ou parcialmente – A. Esta relação existe quando B é um pronome cuja referência virtual só se estabelece pela interpretação de um “nome” que o pronome repete. Ela existe igualmente quando B é um “N” cujo traço definido – ou seja, o traço identificável do referente – depende exclusivamente da ocorrência, no contexto, de certo “N” – na verdade, geralmente, o mesmo do ponto de vista lexical.

Nesta perspectiva, ao mostrar a condição necessária da relação anafórica entre duas unidades A e B, Milner propõe que a base de toda anáfora está na retomada no mínimo parcial de referente, numa relação assimétrica existente entre as duas unidades. Assim, a anáfora é tida como a retomada de um segmento de texto por outro. Nesse sentido, numa concepção estreita, o anafórico refere-se ao seu antecedente. Portanto, nessa concepção, a anáfora deve ser correferencial e o antecedente deve ser explícito, existente no cotexto.

Não se trata de negar que as anáforas fundam-se na dinâmica textual e que servem tanto à continuidade e manutenção referenciais quanto à construção dos sentidos do texto, mas investir, também, na anáfora que se caracteriza pela associação a fontes, por vezes, não explícitas, interpretáveis pelo contexto temático em andamento, ou seja, a anáfora não-correferencial que pode dar-se pela mobilização do contexto sociocomunicativo, sociocognitivo, e que investe nos saberes compartilhados, uma vez que a interpretação anafórica não se limita ao contexto verbal explícito, mas a informações presentes na memória discursiva.

2.1 – Tipos de anáfora

Com base nos estudos citados anteriormente, vimos que a estratégia textual anafórica pode ser estudada, no mínimo, sob duas perspectivas: uma, que contempla a visão tradicional, que atribui a ela um caráter correferencial, com antecedente pontualizado, prevalecendo a ideia de que por trás de toda anáfora se esconde uma operação semântica que indica a existência de um antecedente textual, que guiará a interpretação dos termos seguintes, como defendido por Milner (2003, p. 94). Sob uma outra perspectiva – de acordo com uma visão mais ampliada do fenômeno – firma-se na construção de “objetos de discurso”, segundo Marcuschi (2005), em que a visão correferencial não é prioritária, ou seja, o caráter anafórico existe, mas sem o suporte de um antecedente cotextual explícito que reapareça no anafórico. De acordo com essa segunda modalidade, a anáfora é vista ainda como um fenômeno cognitivamente determinado em que o conhecimento partilhado dos

interlocutores é mais solicitado, o que orientará boa parte das interpretações anafóricas.

Dessa forma, de modo especial, destaca-se uma sistematização dos processos anafóricos a partir dos estudos desenvolvidos por alguns estudiosos do assunto, em especial Marcuschi (2005), Apothéloz (2003), Koch (2006a), Cavalcante (2003, 2004), Adam (2008), entre outros. Trata-se de uma tentativa inovadora de classificação geral das anáforas que vem suprir uma lacuna existente nos estudos de referenciação, na qual são agrupados os processos referenciais anafóricos e suas formas coesivas em dois grandes eixos: as **anáforas correferenciais** e as **anáforas não-correferenciais**.

As anáforas correferenciais, segundo Marcuschi & Koch (1998), são aquelas que operam a retomada de referentes idênticos explicitamente designados no contexto por meio de pronomes e nomes. Podemos citar, neste caso, **as anáforas pronominais, as anáforas diretas, as anáforas fiéis e as anáforas infiéis** segundo Apothéloz (2003) e Adam (2008). As anáforas não-correferenciais, por sua vez, não possuem antecedentes explicitamente designados no contexto com os quais o anafórico possa estabelecer relações correferenciais, pois se fundam em aspectos semântico-pragmáticos e cognitivos.

2.1.1 – Anáforas correferenciais

A anáfora direta, de modo geral, é definida pela relação de correferencialidade estabelecida entre o anafórico e seu antecedente. Concordando com essa concepção, Apothéloz (2003) defende a ideia de que existe correferência sempre que duas expressões apontam o mesmo referente no discurso.

Nessa mesma direção, Marcuschi (2005) reconhece que, em geral, a anáfora direta retoma o referente e é provável que mantenha o mesmo valor semântico entre a anáfora e seu antecedente, sendo, para o autor, a anáfora direta uma espécie de

substituto do elemento por ela retomado. Contudo, o autor lembra que nem sempre a correferência ocorre de forma estrita, pois quando surgem casos em que há mais de um candidato à identidade referencial, os aspectos gramaticais, como concordância de gênero e número indicam o antecedente referencial. Podemos dizer que a visão clássica da anáfora direta advém da noção de que a anáfora é um processo de reativação de referentes prévios, como aparece no seguinte exemplo:

(11) “Faz diferença se sentir à vontade no **seu banco**. Seja porque **ele** é parecido com você ou porque você se sente parte dele”. (Veja, 7/1/2009, p. 3)

No exemplo, o pronome “**ele**” retoma claramente a expressão “**seu banco**” mantendo, portanto, com o referente, uma relação correferencial.

Um segundo tipo de anáforas correferenciais é a cossignificativa. Para Cavalcante (2004), trata-se da anáfora que faz remissão ao referente por meio de repetições ou palavras sinônimas. Consideramos, também, a abordagem de Koch & Marcuschi (1998) quando dizem que há cossignificação com relações correlatas entre o antecedente nominal e o anafórico pronominal.

Essa visão clássica e linear da anáfora não leva em conta a complexidade da referenciação textual, visto que nem sempre há conformidade morfossintática entre a anáfora e o antecedente; nem toda anáfora recebe uma interpretação no contexto de uma atividade de simples atribuição de referente. Nesse sentido, fatores relacionados ao texto podem interferir, e assim, facilitar ou dificultar a sua compreensão, já que há situações em que as anáforas não reativam referentes previamente apresentados no texto, como é o caso das anáforas indiretas que será discutido mais adiante.

Na definição de Apothéloz (2003, p. 71), a **anáfora fiel** é um dos casos de correferência, pois ocorre quando o termo introduzido anteriormente é citado posteriormente acompanhado de definido ou demonstrativo. Na verdade esse tipo

de anáfora é muito comum no nosso dia a dia. Por outro lado, segundo o autor, a **anáfora infiel** corresponde mais especificamente a um caso de sinônimo ou hiperônimo num determinado contexto.

A **anáfora pronominal** é, por definição, fiel, segundo Adam (2008), pois, geralmente, ela não indica nenhuma nova propriedade do objeto. No entanto, ao retomar um nome próprio, os pronomes indicam, com exatidão, o sexo da pessoa ou a personagem.

Ainda, segundo Adam (2008, p. 138), pode-se falar em **anáfora definida fiel** quando esta aparece, geralmente, nos encadeamentos que contêm introdução de um referente sob forma indefinida e depois retomada lexical idêntica: ***Um bebê / O bebê*** – ou quase idêntica: ***Um menino / O garotinho***.

A **anáfora definida infiel** ocorre quando o nome que retoma uma expressão do texto é diferente daquele introduzido anteriormente. Trata-se, mais frequentemente, de um sinônimo ou de um hiperônimo, ou quando lhe é acrescentada uma determinação qualquer, como aparece no seguinte exemplo:

(12) O prefeito da cidade de Juazeiro, na Bahia, Isaac Carvalho, do PCdoB, decidiu mudar a data do **Carnaval** na cidade. No ano que vem, a **folia** só vai começar em 27 de maio. Com isso, o prefeito espera atrair mais turistas para a festa, pois não terá a “concorrência” dos carnavais em outras cidades nordestinas. (Veja, 11/11/09)

As **anáforas demonstrativas**, segundo o mesmo autor, são aquelas compostas por um substantivo antecedido por um pronome demonstrativo. O funcionamento da anáfora definida e o da anáfora demonstrativa não são idênticos, pois trata-se, segundo Adam (2008, p.141), de duas possibilidades concorrentes produtoras de efeitos de sentido específicos. A anáfora demonstrativa indica a identificação, a relação com um segmento posto na memória, anteriormente, mas

ela o faz operando uma reclassificação do objeto do discurso. Pode-se dizer que se trata da introdução de um novo ponto de vista sobre o objeto, como apresentamos no exemplo:

(13) **A partir de ruínas, e somente de ruínas, imagine um amplo local de 120 metros quadrados, chão repleto de mosaicos, paredes cobertas por afrescos.** Pense que, **em seu interior**, há **compridos e sólidos bancos de pedra**. [...] **Esse exercício** de imaginação pode aproximar, mentalmente, quem o fez daquilo que os arqueólogos descobriram na semana passada. (Istoé, 23/07/09, p. 104)

Neste texto, **a anáfora demonstrativa “esse exercício”** segue o movimento do pensamento e as recategorizações sucessivas que esse pensamento impõe à visão do leitor a respeito do lugar.

Koch (2008, p.106) afirma que as funções cognitivas, semânticas, pragmáticas e interativas das diversas formas de expressões referenciais precisam ser vistas como multifuncionais, pois elas contribuem para elaborar o sentido, assinalando direções argumentativas, indicando pontos de vista e **recategorizando** os objetos presentes na memória discursiva.

2.1.1.1 – Anáforas correferenciais recategorizadoras

A retomada anafórica também pode efetuar-se por meio de **sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos e descrições nominais**. Neste caso, ocorre uma **recategorização** do antecedente textual. Segundo Koch (2004), predominantemente, a escolha do item lexical a ser empregado é feita de acordo com o gênero textual e com a variedade de língua utilizada. Isso significa dizer que a seleção lexical que produz a remissão obedece às exigências situacionais

provocadas pelas circunstâncias específicas deste ou daquele gênero em questão. Não se pode descartar também a possibilidade de o produtor recorrer a uma escolha lexical por questão de estilo. Tomemos o exemplo a seguir, em que a retomada é feita pelo uso de um sinônimo: **devoção/veneração**.

(14) **A devoção** aos santos se espalha até mesmo entre os evangélicos, que em tese não reconhecem sua existência. **A veneração** aos santos muitas vezes se baseia nas características a eles atribuídas. (Revista Época, março de 2004, p. 61).

A **anáfora por hiperonímia**, por sua vez, “remodula” a forma de designação, transformando-a, ou seja, recategorizando-a, ou pela utilização de um termo superordenado, para que o enunciador se esquive de repetições estilisticamente indesejáveis, ou pela utilização de expressões com alguma carga avaliativa. A seguir tem-se um exemplo no qual se evita uma referência genérica pela soma de um artigo a um hiperônimo: “a operação”.

(15) O Bradesco, que no ano passado perdeu o posto de maior banco privado do país para o Itaú-Unibanco, terá outra preocupação a partir de outubro: o Santander fará no fim do mês uma **IPO (oferta pública de ações)** que deve chegar aos 6 bilhões de dólares. Prevê-se que, após **a operação**, o valor de mercado do Santander ultrapasse o do Bradesco. (Veja, 23/07/09, p. 62)

Ainda dentro desta relação lexical de hiponímia e hiperonímia pode ocorrer a sequência inversa, ou seja, o hiperônimo pode fazer as vezes do referente. Nestes casos, a anáfora recebe o nome, segundo Koch, de “**especificadora**” justamente por fornecer esclarecimento mais particular possível acerca do referente, como aparece exemplificado em:

O emprego dessas expressões, segundo a autora, implica sempre uma escolha dentre as propriedades ou qualidades que podem caracterizar o referente, escolha que será feita, em cada contexto, em função do projeto comunicativo do produtor do texto. Trata-se, em geral, da ativação dentre os conhecimentos supostamente partilhados com o (s) interlocutor (es), isto é, a partir de um *background* tido por comum de características ou traços do referente que o locutor procura ressaltar ou enfatizar. Apresentamos o seguinte exemplo.

(18) Em agosto de 2000, **o jornalista**, então diretor do jornal *O Estado de S. Paulo*, matou a tiros a ex-namorada e também jornalista Sandra Gomide, de 32 anos. [...] **O assassino** de Sandra Gomide leva uma vida mansa e discreta. (Veja, 23/07/09, p. 74)

A expressão definida “**o assassino**” recategoriza o referente “o jornalista”, acrescentando-lhe uma informação com o intuito de caracterizá-lo de uma determinada maneira. Esse exemplo também permite verificar que a escolha da expressão definida em destaque traz ao leitor informações importantes sobre as opiniões e crenças do produtor do texto, auxiliando-o na construção do sentido.

2.1.2 – Anáforas não-correferenciais

Como já afirmado, a anáfora realiza alguma espécie de remissão a um objeto de discurso introduzido anteriormente. Contudo, nem sempre as anáforas implicam identidade correferencial, pois podem promover uma recuperação indireta dos elementos referidos, recuperação essa obtida por meio de complexos processos inferenciais.

As anáforas não-correferenciais exigem saberes compartilhados, uma vez que a interpretação anafórica não se limita ao contexto verbal explícito, mas a

informações presentes na memória discursiva. Podemos citar, neste caso, as anáforas indiretas, cuja definição veremos adiante.

Nesses fenômenos de associação, os significados lexicais da “**âncora**”, que nos estudos de Koch (2006a) baseados em Schwarz (2000), é decisivo para a interpretação; ou seja, trata-se de formas nominais que se encontram em dependência interpretativa de determinadas expressões da estrutura textual em desenvolvimento e conduzem o destinatário para estabelecer relações inferenciais, construindo relações anafóricas indiretas ou associativas, num processo de implicitude motivada pela não-correferencialidade.

2.1.2.1 – Anáforas Indiretas

A anáfora indireta, de forma ampla, é vista como uma estratégia referencial de associação, sem referente explícito. Para estabelecer a continuidade referencial no texto, esse tipo de anáfora utiliza a ativação (referenciação mental) de elementos novos e não de uma reativação de referentes já conhecidos, o que constitui um processo de referenciação implícita. Assim, as anáforas indiretas, segundo Koch (2006a), caracterizam-se pelo fato de não existir no cotexto um antecedente explícito, mas sim um elemento de relação que se pode denominar “**âncora**”.

Têm-se anáforas indiretas, segundo Koch (2006a, p.107), toda vez que um novo objeto de discurso é introduzido, sob o modo do dado, em virtude de algum tipo de relação com elementos presentes no cotexto ou no contexto sociocognitivo, passível de ser estabelecida por associações e/ou inferenciações. As anáforas indiretas, de acordo com a autora, recebem várias outras denominações, como: “inferenciais”, “mediatas”, “profundas”, “semânticas” ou “associativas”. De acordo com Schwarz (2000), citada por Koch (2006, p. 109), as anáforas indiretas podem ser classificadas em vários tipos: 1. semântico; 2. conceitual; 3. inferencial. As de natureza semântica são baseadas no léxico, as do tipo conceitual no conhecimento

de mundo, e as inferenciais baseadas em inferências. Tais inferências seriam de dois tipos:

1 – ativação de conhecimentos de mundo armazenados na memória de longo termo para a desambiguação, precisão ou complementação de unidades e estruturas textuais;

2 – a construção de informações, ou seja, a formação dinâmica e dependente de contexto (situada) de representações mentais, com vistas à construção do modelo de mundo textual.

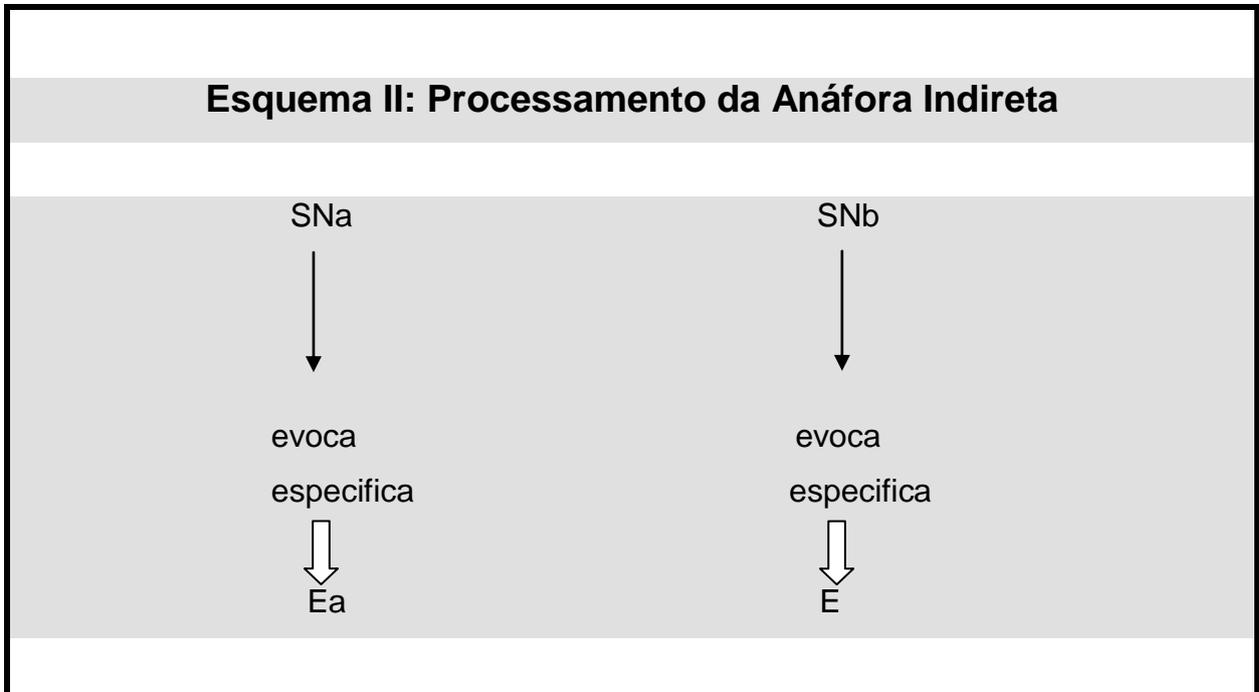
Na definição de anáfora indireta, chamamos a atenção para um processo de referenciação não-extencionista, ou seja, os elementos do texto não são enumerados explicitamente. Importante lembrar que as anáforas indiretas não reativam referentes, mas introduzem um novo referente no discurso, ancorado em alguma expressão no texto e ativado por processos cognitivos ou estratégias inferenciais.

A esse respeito, Marcuschi (2005, p. 59) complementa o conceito de anáfora indireta proposto por Schwarz (2000), sugerindo a seguinte definição:

No caso de anáforas indiretas trata-se de expressões definidas (e expressões indefinidas e pronominais) que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões (ou informações constantes) da estrutura textual precedente (ou subsequente) e que têm duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global.

Para Marcuschi (2005), discutir anáfora indireta é estender a noção de coerência para além da sua linearidade, ou seja, afeta-se o conceito tradicional de

coerência. O autor (2005, p. 57) propõe um esquema de processamento da anáfora indireta:



(Marcuschi, 2005, p. 57)

Neste caso, tanto o SNa quanto o SNb especificam e evocam um referente próprio representado por Ea e Eb. O interesse recai na relação referencial entre Ea e Eb que não é aleatória e sim fundamentada cognitivamente e discursivamente por algum tipo de associação ou outro aspecto, como aparece exemplificado a seguir:

(19) Essa história começa com uma família que **vai a uma ilha** passar suas férias. /.../ Quando amanheceu eles foram ver como estava **o barco**, para ir embora e perceberam que o barco não estava lá. (Marcuschi, 2005, p. 53)

Neste exemplo, é fácil perceber que “**o barco**” é uma expressão referencial *nova* nesse texto, mas surge como se fosse conhecida. Ela ancora na expressão nominal antecedente “**uma ilha**”.

Em concordância com Schwarz, Marcuschi (2005, p. 60) identifica entre as características da anáfora indireta:

- a inexistência de uma expressão antecedente ou subsequente explícita para retomada, e presença de uma âncora, isto é, uma expressão ou contexto semântico base decisivo para a interpretação da anáfora indireta;
- a ausência de relação de co-referência entre a âncora e a anáfora indireta, dando-se apenas uma estreita relação conceitual;
- a interpretação da anáfora indireta se dá como a construção de um novo referente (ou conteúdo conceitual) e não como uma busca ou reativação de referentes prévios por parte do receptor;
- a realização da anáfora indireta se dá normalmente por elementos não pronominais, sendo menos comum sua realização pronominal.

A inferência encontra-se no cerne do universo textual que envolve anáfora indireta, segundo Marcuschi (2005). Se compreendermos que inferência é a informação que não está implícita na superfície textual e que deve ser recuperada, não somente via conhecimento de mundo, mas por meio de cálculos e deduções passíveis de serem executados pela consciência, consideraremos a anáfora indireta inscrita num processo cognitivo bastante abrangente, quando inserida na atividade de textualização.

Em vista disso, Marcuschi toma a sugestão de Schwarz a qual identifica os seguintes tipos fundamentais de anáforas indiretas: “*tipos semanticamente fundados*” e “*tipos conceitualmente fundados*”. A partir dessa classificação, Marcuschi (2005) apresenta uma relação de subtipos das anáforas indiretas, os quais abordaremos abaixo com algumas modificações acrescentadas.

- **Anáforas indiretas de tipo “papéis temáticos”** – baseadas em papéis temáticos dos verbos, conforme podemos observar no exemplo a seguir:

(20) Eu queria **fechar a porta** quando Moretti saltou dos arbustos. Com o susto deixei cair **as chaves**. (Marcuschi, 2005, p. 61)

Sabemos que o verbo, ao ser inserido em um evento de comunicação, preenche determinado papel temático. Neste caso, o verbo “**fechar**” tem entre seus papéis temáticos o papel instrumental, e o item lexical “**chave**” cumpre esse papel que ficou implícito com o uso do verbo.

- **Anáforas indiretas de tipo semântico** – baseadas em relações semânticas inscritas nos sintagmas nominais definidos.

Os sintagmas nominais, quando precedidos de artigo definido, podem ser classificados como uma expressão referencial definida. Enquanto tal, os sintagmas nominais podem recuperar informações para referenciar objetos, pessoas, ocorrências, etc. Nesse aspecto, segundo Marcuschi (2005), a cadeia referencial dos sintagmas definidos pode ser construída pelas relações metonímicas, hipo e hiperonímias e os campos léxicos, conforme observamos no exemplo:

(21) Não compre **a xícara** amarela. **O cabo** está quebrado. (*ibidem*, p. 62)

No exemplo acima, a expressão “**xícara**” tem como parte integrante a expressão “**cabo**”. Percebemos, então, que o sentido é construído pelas relações estabelecidas entre o referente e o anafórico, construído na forma de um sintagma nominal.

- **Anáforas indiretas de tipo conceitual** – baseadas em esquemas cognitivos e modelos mentais.

Este tipo de anáfora indireta está ancorado em esquemas cognitivos que cuidam das organizações internas que armazenam e estruturam as lembranças e as informações na memória. A esse processo o autor (2005) chama de representações conceituais ou relações cognitivas, conforme podemos observar a seguir:

(22) Nos últimos dias de agosto...a menina Rita Seidel acorda num minúsculo **quarto de hospital** ... **A enfermeira** chega até a cama...(ibidem, p. 63)

No exemplo o sintagma nominal definido “**a enfermeira**” não reativa nenhum referente prévio, mas ancora no texto precedente, em especial “**quarto de hospital**”.

- **Anáforas indiretas de tipo inferencial** – baseadas em inferências ancoradas no modelo do mundo textual.

Esse tipo de anáfora indireta ancorado em conhecimentos estabelecidos a partir de informações explicitadas no modelo textual solicita a construção de sentido por estratégias inferenciais contextualizadas numa situação enunciativa, como podemos observar no exemplo:

(23) O Náutico não fez uma exibição primorosa, mas jogou o suficiente para se impor diante da fraca Tuna Luso com um placar de 3 x 0, ontem à tarde, nos Aflitos. Foi **a primeira vitória alvirrubra** na Segunda Divisão do Brasileiro, depois de quatro jogos, e serviu para levantar o moral do time que subiu para cinco pontos no Grupo A. Lêniton, Mael e Lopeu marcaram **os gols alvirrubros**. Com o pontas-esquerda Lêniton, improvisado de centroavante, e Ricardinho na esquerda, o Náutico demorou a se encontrar em campo. A Tuna jogava fechada e seu técnico, Bira Burro, orientava os atacantes

Joacir a Ageu para ficarem enfiados entre os zagueiros alvirrubros. **O restante do time** paraense ficava em frente da área. (Marcuschi, 2005, p. 64)

“A primeira vitória alvirrubra” ativa um referente designado a partir de um estado de coisas apontado no texto: por exemplo, as cores do time pernambucano. Assim também o referente de **“os gols alvirrubros”** é inferido do contexto anterior a partir do time “alvirrubro”. Por fim, o sintagma nominal descritivo, **“o restante do time”**, exige que tomemos o contexto textual anterior e ao mesmo tempo ativemos nossos conhecimentos pessoais a respeito da composição de um time de futebol.

Anáforas indiretas baseadas em elementos textuais ativados por nominalizações.

As anáforas indiretas constituídas por nominalizações configuram-se sob a forma de sintagma nominal e geralmente estabelecem relação com algum verbo. Não são anáforas diretas, porque não retomam nem aludem pontualmente a nenhum item específico. No exemplo a seguir, notamos a nominalização **“jogos”** derivada da forma verbal **“jogou”**.

(24) O Náutico não fez uma exibição primorosa, mas **jogou** o suficiente para se impor diante da fraca Tuna Luso com um placar de 3 x 0, ontem à tarde, nos Aflitos. Foi a primeira vitória alvirrubra na Segunda Divisão do Brasileiro, depois de quatro **jogos**, e serviu para levantar o moral do time que subiu para cinco pontos no Grupo A. Lêniton, Mael e Lopeu marcaram os gols alvirrubros. (Marcuschi, 2005, p. 66)

- **Anáforas indiretas esquemáticas realizadas por pronomes introdutores de referentes.**

Especificamente explorado por Marcuschi (2005), esse tipo de anáfora não ocorre por retomada dos pronomes a um referente já introduzido, mas a partir de

elementos ativadores de novos conhecimentos previamente explicitados no discurso.

(25) Estamos pescando a mais de duas horas e nada, porque **eles** simplesmente não mordem a isca. (*ibidem*, p. 67)

O pronome “**eles**” não retoma um referente anteriormente introduzido, mas ativa um novo referente: “peixes” com base em elementos prévios que aparecem no discurso: “**pescando e isca**”.

Os exemplos em cada tipo de anáfora indireta mostram que, tanto semântica quanto conceitualmente, os sentidos dos textos podem ser construídos de maneira inferencial.

Para Cavalcante (2004, p. 13), as anáforas indiretas possuem duas características fundamentais, porém não únicas: (i) a não-correferencialidade e (ii) a introdução de um referente novo sob o modo do conhecido.

Esta concepção é partilhada por Koch (2006) e Marcuschi (2005). Embora os autores mencionados falem em não-correferencialidade, eles não querem dizer que não haja indicialidade. Na referenciação indireta, há pistas textuais que possibilitam ao co-enunciador as inferências, ou seja, há sempre elementos de relação de sentido entre o referente e a anáfora. Como lembra Koch (2006, p. 108), “as anáforas deste tipo desempenham um papel extremamente importante na construção da coerência”.

As relações no processo que envolve as anáforas indiretas são complexas, pois é necessário um esforço maior, por parte do interlocutor/co-enunciador, para fazer a recuperação do referente, uma vez que a âncora não está claramente explicitada no cotexto. Nesse processo, há necessidade de maior grau de “cumplicidade” entre os interlocutores, que precisam ter um nível de partilhamento de informações bem acentuado para obter o sentido pleno da informação. As

anáforas indiretas são, pois, mecanismos importantes de construção da textualidade, capazes, inclusive, de proporcionar situações comunicativas de criatividade e beleza nas formas de expressão textual.

No quadro das anáforas indiretas, destaca-se a **anáfora associativa** que tem sido considerada de maneira diversificada por diferentes pesquisadores, conforme Koch (2006a, p. 109).

A anáfora associativa é geralmente definida de acordo com as seguintes propriedades, segundo Zamponi (2003):

- refere um objeto que, embora apresentado como conhecido, é novo no discurso e que não foi mencionado explicitamente no contexto anterior;
- pode ser interpretada referencialmente somente em relação a dados introduzidos anteriormente no universo de discurso, propriedade que justifica o termo **anáfora**.

Essa definição não impede que a anáfora associativa seja considerada de maneira diversificada por diferentes pesquisadores, como afirma Zamponi. Diferentes caminhos são trilhados, de modo que as abordagens do fenômeno abrangem diversas concepções, das mais estreitas às mais amplas. Assim como Koch (2006a), é possível encontrar autores que tomam como equivalentes os termos **anáfora indireta e anáfora associativa**, como a seguir, em Cavalcante (2002):

Desde Hawkins (1997) que as anáforas associativas (também denominadas, indistintamente, de anáforas indiretas pela maioria dos autores) constituem um processo referencial em que um sintagma nominal “engatilhador” desencadeia um conjunto de associações apoiadas no conhecimento de mundo dos interlocutores que respaldam o aparecimento de descrições definidas não-correfenciais.

Ainda, de acordo com Zamponi (2003), os estudiosos que defendem uma concepção mais estreita da anáfora entendem que o conceito de **anáfora associativa** exige a interferência de outros critérios que definem não apenas a relação anafórica indireta. Duas teses se opõem: uma que propõe uma abordagem cognitivo-discursiva, de acordo com a qual o discurso é capaz de estabelecer a associação, e outra que defende uma abordagem mais semântica, que afirma ser a relação associativa de natureza léxico-estereotípica.

Por outro lado, os estudiosos que defendem uma concepção mais ampla entendem que a anáfora associativa é anáfora não-correferencial. Zamponi (2003) afirma que os autores³ partidários dessa concepção postulam que a anáfora associativa é uma configuração discursiva que apresenta uma expressão referencial dotada de duas propriedades:

- 1 – É anafórica: seu referente é definido graças às informações presentes no texto anterior;
- 2 – Não é correferencial: seu referente não é mencionado no texto anterior.

Desse modo, a autora (2003) afirma que a oposição entre a concepção estreita e a concepção ampla traduz-se, entre outras coisas, por uma extensão sensivelmente diferente: a primeira aceita apenas o sintagma nominal definido; a segunda considera que todo pronome e demonstrativo anafóricos indiretos constituem caso de anáfora associativa.

Koch, ao se referir às anáforas indiretas, traz a seguinte explicação, tomando-as como processo vinculado à associação.

³Berrendonner (1994), Apothéloz e Reichler-Béguelin (1999), Cornish (1999).

A estratégia referencial de associação consiste no emprego de expressões definidas anafóricas, sem referente explícito no texto, mas inferível a partir de elementos nele explícitos, isto é, trata-se de uma configuração discursiva em que se tem um anafórico sem antecedente literal explícito (portanto, não condicionado morfossintaticamente por um SN anterior), cuja ocorrência pressupõe um *denotatum* implícito, que pode ser reconstruído, por inferência, a partir do co-texto precedente. São as chamadas anáforas indiretas. (Koch, 2006a, p. 107).

A autora reitera sua posição sobre anáforas indiretas e anáforas associativas ao defender que

um subtipo de anáforas indiretas são as anáforas associativas: trata-se também de uma configuração discursiva em que se tem um anafórico sem antecedente literal explícito, cuja ocorrência pressupõe um *denotatum* implícito, que pode ser reconstruído, por inferência, a partir do cotexto precedente. (Koch 2006a, p.109)

É por esta razão que Koch (2006a) afirma que as anáforas associativas apresentam as seguintes características prototípicas:

- a expressão em anáfora associativa – SN2 – introduz um referente novo (não há correferência): supõe-se que o interlocutor possua os conhecimentos necessários para a interpretação referencial;
- há menção prévia de um outro referente – SN1 – que fornece os elementos necessários para a saturação do referente novo;
- é uma anáfora indireta, isto é, há necessidade de proceder a inferências para a saturação adequada do SN2;

- SN2 mantém uma relação semântica de meronímia ou ingrediência com SN1.

Por sua vez, Apothéloz (2003) afirma que a anáfora associativa são os sintagmas nominais definidos que apresentam simultaneamente as duas características seguintes:

1 – de um lado, uma certa dependência interpretativa relativamente a um referente anteriormente introduzido ou designado;

2 – de outro lado, a ausência de correferência com a expressão que introduziu ou designou anteriormente esse referente.

Dessa forma, para o autor (2003), as anáforas associativas apresentam seu referente como já conhecido, ou como identificável, sempre que ele não tiver sido ainda objeto de nenhuma menção, e que não indicar mais sua relação com outros referentes ou com outras informações explicitamente formuladas. O autor (2003, p. 75-76) apresenta um exemplo característico desse tipo de anáfora:

(26) Nós chegamos a uma cidade. **A igreja** estava fechada.

Baseado no estudo de Hawkins (1977), Apothéloz (2003, p. 76) afirma, que o mecanismo da anáfora associativa repousa sobre conhecimentos gerais supostamente partilhados, exprimíveis sob a forma de proposições que colocam em relação referências genéricas como aparece no exemplo: em **toda cidade tem uma igreja**.

Em seus estudos, Zamponi (2003) reforça a posição de que as anáforas associativas introduzem um objeto de discurso novo no modo conhecido (portanto, sem relação de correferência), que é interpretado graças a informações anteriores introduzidas na memória discursiva.

O elemento anafórico desse tipo de anáfora pode constituir um sintagma nominal definido ou demonstrativo e a relação que ele mantém com a âncora que lhe serve de suporte é de ingrediência e se dá com base nos conhecimentos semânticos e nos modelos mentais arquivados na memória.

De acordo com as abordagens apresentadas, é recorrente a denominação pelos autores tanto de anáfora indireta quanto de anáfora associativa para se referirem à mesma estratégia de recuperação indireta de referentes. Em ambas as classificações, a relação não é de retomada explícita de elementos presentes na superfície do texto, mas de ancoragem em elementos do discurso, na situação cognitiva ou em indícios extralinguísticos para ativar ou introduzir um referente novo como se fosse dado.

Dessa forma, defendemos que, apesar de os dois termos serem tomados indistintamente para tratar do mesmo processo de construção textual, as anáforas indiretas parecem constituir um fenômeno mais amplo do qual a anáfora associativa faz parte.

2.1.2.2 – Anáforas rotuladoras

Os rótulos funcionam tanto retrospectiva como prospectivamente e se realizam por meio de expressões nominais selecionadas pelo enunciador para conectar e organizar o discurso, funcionando como uma atribuição de títulos resumidores a segmentos textuais (cf. Francis, 2003).

A autora examina o significado inerentemente genérico do rótulo, que só se particulariza no próprio texto, à proporção que se constroem seus mais diversos sentidos, como aparece exemplificado a seguir.

(27) O Banco Central **interveio** ontem para segurar a cotação do dólar, na primeira operação oficial desse gênero desde a adoção da livre flutuação do câmbio, em 15 de janeiro. **A operação** ocorreu quando a moeda havia alcançado R\$ 2,08. (Koch, 2006a, p. 94)

Segundo Koch (2006a), a expressão nominal “**a operação**” rotula uma parte do cotexto que a precede e estabelece um novo referente que, por sua vez, poderá constituir um tema específico para os enunciados subsequentes. É por esta razão que, frequentemente, os rótulos aparecem em início de parágrafos.

As **rotulações** transformam enunciado(s) em objeto(s) de discurso, condensando a informação, muitas vezes difusa no cotexto. Essas anáforas efetuam-se por meio de uma forma nominal, com função de encapsular uma proposição ou proposições precedentes ou subsequentes no texto. Elas rotulam uma parte do contexto e estabelecem um novo referente atuando na manutenção/progressão referencial.

Como formas de remissão a elementos anteriormente apresentados no texto ou sugeridos pelo cotexto precedente, elas possibilitam a sua (re)ativação na memória do interlocutor, ou seja, a *alocação ou focalização* na memória ativa (ou operacional) deste; por outro lado, ao operarem uma recategorização ou refocalização do referente, elas têm, ao mesmo tempo, função predicativa. Trata-se, pois, de formas híbridas, referenciadoras e predicativas, isto é, veiculadoras tanto de informação dada, como de informação nova.

Do ponto de vista formal, de acordo com Francis (2003), as expressões rotuladoras se descrevem, em geral, como sintagmas nominais com núcleos precedidos de demonstrativo ou de artigo definido e acompanhados ou não de qualificadores, ou de advérbio. Do ponto de vista discursivo, os rótulos exercem importante função argumentativa, na medida em que nomeiam porções textuais não-específicas, dando-lhes, com isso, um significado particular.

Os trechos a seguir constituem exemplos de anáforas rotuladoras fornecidos por Apothéloz (2003, p. 72):

(28) Os arquivos do cineasta Abel Gance[...] serão vendidos em leilão, em Drouot, nos dias 3 e 4 de março. **A venda** compreenderá uma centena de cenários manuscritos.

(29) É conveniente situar as funções na ordem figurativa e os funcionamentos na ordem figural? Ou o inverso? **Esta interrogação** ameaça permanecer.

É importante observar também que os rótulos podem desempenhar função avaliativa. É o que podemos notar no exemplo seguinte, extraído de Koch (2004, p.256):

(30) É fácil apontar as razões de sucesso – ou fracasso – de um projeto após sua conclusão. O complicado é antecipá-las. Os executivos da Petrobrás, a maior empresa brasileira, enfrentaram **um desafio assim** há quatro anos, quando iniciaram a implantação do programa de gestão R/3 da SAP, batizada de projeto Sinergia.

O percurso feito até agora, que não tem a pretensão de apresentar conclusões inquestionáveis, permite ponderar que as anáforas constituem caso de referência textual, sendo, portanto, importantes recursos de coesão e de coerência que requerem cálculos inferenciais mais complexos, uma vez que fatores semântico-pragmáticos e cognitivos entram em confluência durante o processamento.

É evidente que essas ponderações representam apenas um olhar dentre tantos que as anáforas não-correferenciais admitem, já que na “arena da linguagem” devemos considerar a dinamicidade do discurso. Os objetos de discurso são

construídos, reconstruídos e reavaliados dentro dessa dinamicidade. Dessa forma, anáforas indiretas formam, na verdade, importantes recursos para a coerência, não exigindo uma classificação determinante ou exclusiva, uma vez que os casos limítrofes são muito mais frequentes.

Assim, pensar na progressão textual nos induz, principalmente, a refletir sobre o papel das anáforas, uma vez que se trata de elementos importantes na manutenção temática. Elas são, também, responsáveis por uma grande carga informativa no interior do discurso, constituindo-se em elementos que inserem locutor e interlocutor numa mesma moldura comunicativa, por ativarem conhecimentos partilhados que confirmam ou frustram as expectativas de ambos. Consequentemente, constroem objetos de discurso resultantes de uma negociação entre elementos anaforizantes atrelados ou não à idéia de correferencialidade (Mondada & Dubois, 2003).

Sendo assim, este estudo nos mostra que as anáforas diretas funcionam como sinais de continuidade que permitem ao leitor identificar um elemento já mencionado no texto, e as anáforas indiretas ativam referentes novos, constituindo um caso de referenciação implícita. Por isso, o processamento do discurso é estratégico, pois o autor deixa pistas no texto, orienta sua argumentação, repete, rotula, explica, especifica, e o leitor leva para o texto suas expectativas que podem ou não se confirmar.

Desta forma, ao construir o texto, o produtor opera seleções estratégicas entre uma ampla gama de processos de referenciação que lhe possibilitam realizar de forma extremamente variada e dinâmica a progressão referencial.

CAPÍTULO 3 – RETEXTUALIZAÇÃO

3 – O texto falado e o escrito

A discussão acerca das relações entre fala e escrita, que são duas modalidades pertencentes a um mesmo sistema linguístico, em nosso caso, a Língua Portuguesa, abarcam um *continuum*, que vai do nível mais informal ao mais formal, passando por graus intermediários.

Considerando **a fala** e **a escrita** como modalidades de uso da língua, Marcuschi (2008) afirma ser **a escrita** uma manifestação formal dos diversos tipos de letramento. A escrita é quase indispensável para que as pessoas possam “enfrentar” o dia-a-dia. Ela pode ser vista como essencial para a sobrevivência no mundo moderno e pode ser considerada mais do que uma tecnologia. Em decorrência de alguns atributos que foram dados à escrita, ela acabou se tornando quase indispensável, e sua prática e avaliação social fizeram com que simbolizasse não só educação, mas também desenvolvimento e poder. A escrita possui uma face institucional e é adquirida em contextos formais na escola. Por essa razão, ganha um caráter prestigioso e acaba sendo identificada com a alfabetização e a escolarização.

Em relação **à fala**, o autor afirma ser esta uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral, sem necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível que o próprio ser humano possui. Caracteriza-se também pelo uso da língua na sua forma de sons, aspectos prosódicos e recursos expressivos tais como os gestos e os movimentos do corpo.

Para Marcuschi (2008), a escrita não é representação da fala porque aquela não consegue reproduzir muitos dos fenômenos desta, como o movimento dos olhos e a gestualidade, por exemplo. Ainda, a escrita possui caracterizações próprias que não podem ser representadas na fala, como cores e formato de letras, por exemplo.

Embora diferentes, não são “suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos, nem uma dicotomia”. Ainda, segundo ele, a escrita é uma modalidade de uso da língua complementar à oralidade.

Nos últimos anos intensificaram-se os estudos sobre a relação entre língua falada e língua escrita e os resultados, embora limitados, mostram que a questão é complexa e variada. Os achados mais notáveis indicam que:

- as semelhanças são maiores do que as diferenças tanto nos aspectos linguísticos quanto nos aspectos sociocomunicativos;
- as relações de semelhanças e diferenças são contínuas ou pelo menos graduais;
- as relações podem ser bem mais compreendidas quando observadas no contínuo dos gêneros textuais;
- muitas das características diferenciais atribuídas a uma das modalidades são propriedades da língua: contextualizações/descontextualizações; envolvimento/distanciamento;
- tanto a fala quanto a escrita são normatizadas;
- tanto a fala quanto a escrita não operam nem se constituem numa única dimensão expressiva;
- uma das características mais notáveis da escrita está na ordem ideológica da avaliação sociopolítica em sua relação com a fala e na maneira como nos apropriamos dela a fim de estabelecer, manter e reproduzir relações de poder.

Para Marcuschi (2008), existe, ainda, uma longa lista indicando que a visão dicotômica da relação entre fala e escrita não mais se sustenta. Certamente a fala e

a escrita não podem ser comparadas em termos de superioridade ou inferioridade, pois são diferentes, porém as diferenças são graduais e contínua.

A escrita não acrescenta inteligência ao indivíduo que a domina, bem como o não-domínio da escrita não é evidência de menor competência cognitiva. Quem domina a escrita pode, eventualmente, ter acesso a um maior número de conhecimentos, no entanto, não é verdade que a fala é o lugar do pensamento concreto e a escrita, o lugar do pensamento abstrato, como afirma Marcuschi (2008).

3.1 – Retextualização: a passagem do escrito para o escrito

A expressão “retextualização” foi empregada em 1993 sobre “a tradução de uma língua para outra”. (cf. Marcuschi 2008, p. 46). Hoje, o termo “retextualização” recobre vários procedimentos: **1** – A refacção ou reescrita (cf. Dell’ Isola, 2007) observando aspectos relativos às mudanças de um texto no seu interior, ou seja, uma escrita para outra, reescrevendo o mesmo texto; **2** – A transformação de textos orais em textos escritos; **3** – Ou ainda, segundo a concepção de Marcuschi (2008), outras três possibilidades de retextualização, considerando fala e escrita e suas combinações: **“da fala para a fala”, “da escrita para a fala” e “da escrita para a escrita”**.

A retextualização é uma atividade que está presente na vida diária das pessoas, seja quando refazem textos orais e escritos ou fazem adaptações de uma modalidade para outra: na escola, no trabalho e no uso cotidiano, observa Marcuschi (2008). É fácil imaginar vários eventos linguísticos quase corriqueiros em que atividades de retextualização, reformulação, reescrita e transformação de textos estão envolvidas.

As atividades de retextualização podem ocorrer de maneira bastante diversificada, desde a reunião de condomínio em que se debatem vários assuntos que culminam na produção de um regulamento a ser afixado na entrada do imóvel

(um texto oral foi retextualizado em um texto escrito), até uma conversa entre um dos funcionários do cartório sugerindo que no prédio em que mora aconteça uma reunião de condomínio (trata-se de uma retextualização de um texto oral para outro oral). Desde a anotação de aulas até uma pessoa contando a outra alguma notícia lida em um jornal, por exemplo.

Entretanto, retextualizar não é um ato mecânico, pois exige operações complexas que interferem tanto no código como no sentido do texto – na forma e substância da expressão e do conteúdo. O primeiro passo para que se inicie qualquer processo de retextualização é a **compreensão** do texto original, que em geral se ignora ou se dá por satisfeita e não problemática e pode ser a fonte de muitos problemas no plano da coerência no processo de retextualização. Desta forma, o autor observa que

toda atividade de retextualização implica uma interpretação prévia nada desprezível em suas consequências. Há nessa atividade uma espécie de tradução endolíngua, que, como em toda a tradução, tem uma complexidade muito grande. (Marcuschi 2008, p. 70),

Considerando fala e escrita e suas combinações, Marcuschi (2008) sugere quatro possibilidades de retextualização, conforme apresentamos no quadro:

Quadro 1 – Possibilidades de retextualização:

1. Da fala para a escrita

por exemplo: de uma entrevista oral para uma entrevista impressa.

2. Da fala para a fala

por exemplo: de uma conferência para a tradução simultânea.

3. Da escrita para a fala

por exemplo: de um texto escrito para uma exposição oral.

4. Da escrita para a escrita

por exemplo: de um texto escrito para um resumo escrito.

Marcuschi (2008, p. 48)

As atividades de retextualização são rotinas usuais altamente automatizadas. Toda vez que repetimos ou relatamos o que alguém disse, até mesmo quando produzimos as supostas citações *ipsis verbis*, estamos transformando, reformulando, recriando e modificando uma fala em outra.

O autor (2008) chama a atenção para a distinção entre retextualização e transcrição. A transcrição representa uma passagem, uma transcodificação. Segundo ele, a transcrição também prevê a transformação de um texto oral em um texto escrito, mas essa transformação deve seguir algumas convenções e não pode interferir na linguagem nem no conteúdo do texto original, como acontece no processo de retextualização. Mesmo assim, o autor acrescenta que há casos de transcrições que se aproximam bastante das retextualizações, como a publicação de contos, por exemplo. Na verdade, há tantas mudanças do texto original para o transcrito que o autor chama essa interferência de “idealização da língua pelo molde da escrita”.

Textualizar é agenciar recursos linguageiros e realizar operações linguísticas, textuais e discursivas. Retextualizar, por sua vez, envolve a produção de um **novo texto** a partir de um ou mais textos-base, o que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação, portanto um novo enquadre e um novo quadro de referência (cf. Matêncio 2001).

Matêncio adota a posição de Marcuschi (2008, p. 46) segundo a qual retextualizar é transformar um texto em outro. A autora chama a atenção para que a retextualização do texto escrito para o texto escrito não seja confundida com a atividade de “reescrita”. Reescrever/revisar um texto qualquer é atividade significativamente distinta de produzir um novo texto a partir de um que lhe antecede

na leitura. A esse respeito, o pressuposto é de que, embora, de fato, a atividade de retextualização envolva operações linguísticas similares àquelas envolvidas no que se tem denominado reescrita – tais como as operações de acrescentamento, supressão, substituição e reordenação tópica –, no que se refere às operações textuais e discursivas, essa semelhança é muito menor; além disso, as variáveis que interferem nesses dois processos não se comportam de forma semelhante.

Para discutir as diferenças entre as atividades de retextualização e aquelas que representariam especificamente a reescrita de um texto, a autora retoma as variáveis propostas por Marcuschi (2008) ao tratar da retextualização de texto falado para texto escrito.

Segundo Marcuschi (2008), há algumas variáveis intervenientes que influenciam sobremaneira a retextualização. A primeira delas é representada por seus objetivos, que intervêm na linguagem da retextualização: mais formal ou informal, pois é comum uma fala descontraída e casual receber uma transformação mais descontraída, e uma fala formal receber uma transformação mais formal. O certo é que uma retextualização não é indiferente aos seus objetivos ou propósitos.

A segunda variável é a autoria da retextualização. Um texto pode ser feito pela mesma pessoa que produziu o original ou por outra. Se o próprio autor do texto original fizer a retextualização, as interferências serão, certamente, muito maiores, chegando até mesmo, à produção de um novo texto. Contudo, o mesmo não acontece em caso de autores diferentes. A pessoa que faz uma retextualização evita, ao máximo, fazer mudanças de conteúdo, interferindo quase exclusivamente na forma.

Um terceiro fator de influência na retextualização é a relação entre o gênero do texto original e o gênero do texto retextualizado, ou seja, se a retextualização se mantiver dentro do mesmo gênero textual, as interferências serão menores.

Por fim, os aspectos da produção de textos em cada modalidade também afetam a retextualização, uma vez que, no caso da escrita, temos a possibilidade de

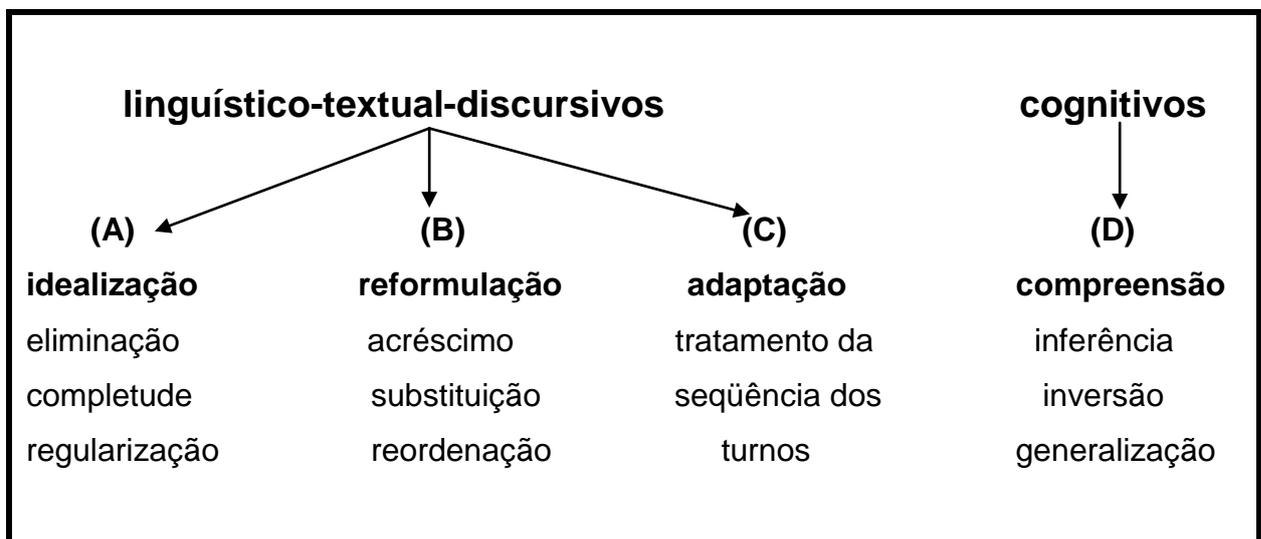
rever, revisar, corrigir quantas vezes quisermos nosso texto antes que ele seja lido pelo receptor.

Ainda segundo o autor, tendo em vista essas quatro variáveis intervenientes, entendemos que a atividade de retextualização segue, conscientemente, algumas estratégias de regularização linguística, que são as primeiras interferências a serem feitas no texto original. Normalmente, essas mudanças dizem respeito à norma padrão da língua. Em seguida, são realizadas as mudanças chamadas de reordenação cognitiva, que visam adequar o vocabulário, a ordenação dos tópicos, a linha argumentativa. Nesse sentido, as mudanças da retextualização ultrapassam a correção linguística, chegando ao campo do adequado, do coerente. Contudo, essas mudanças não devem dizer o não dito ou desdizer o dito, sob pena de violar o que realmente continha o texto original.

3.1.1 – Aspectos envolvidos na retextualização

No processo de retextualização, alguns aspectos próprios devem ser observados, como mostramos abaixo:

Quadro 2 – Aspectos envolvidos nos processos de retextualização:



(Marcuschi, 2008, p.69)

Os aspectos linguístico-textual-discursivos abrangem a **idealização** que consiste na eliminação de partes do texto original, completude de partes do texto que tenham sido abandonadas e não completadas, e regularização dos padrões da língua. **Na reformulação** podem ocorrer acréscimos ao texto original, substituição de partes incoerentes ou inadequadas, e reordenação tópica e argumentativa. **A adaptação** consiste no tratamento da sequência dos turnos.

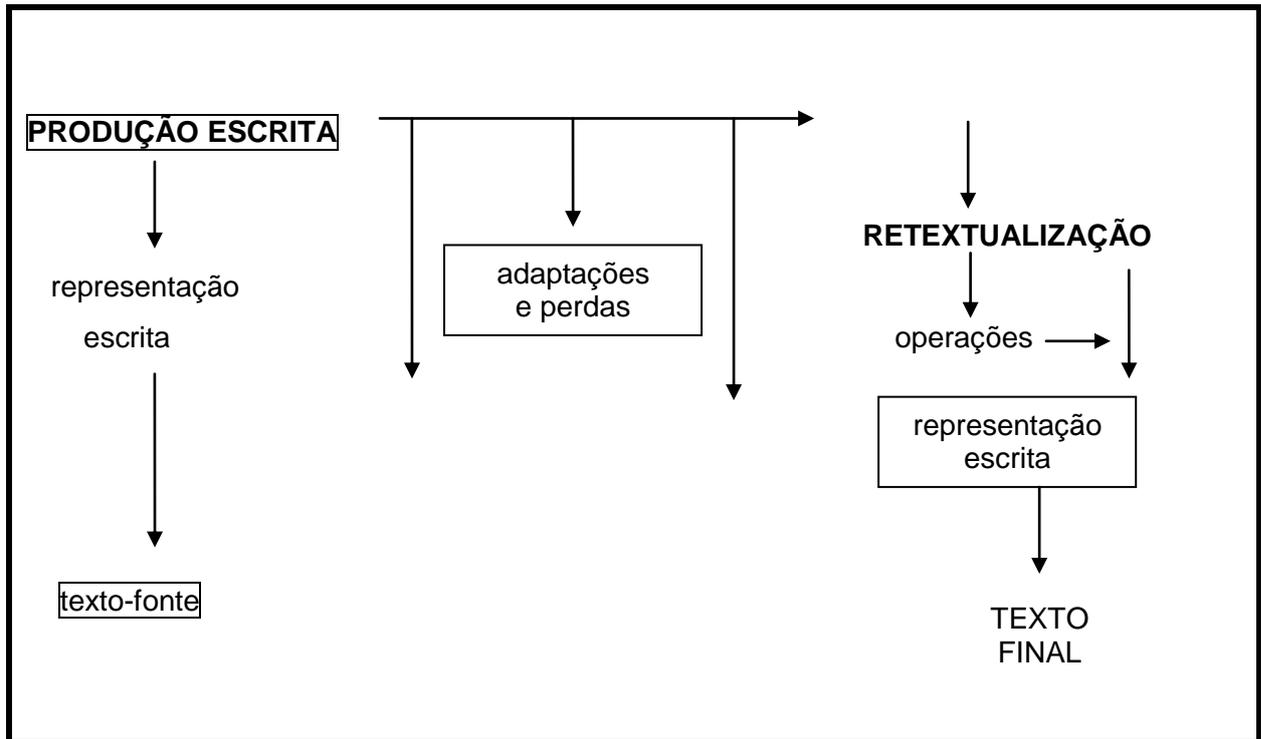
Os aspectos cognitivos dizem respeito à **compreensão** do texto original – **inferência, inversão e generalização** de informações. Obviamente, para que os aspectos linguístico-textual-discursivos sejam aplicados, é necessário que os aspectos cognitivos, de compreensão, já tenham sido considerados, visto que qualquer atividade de retextualização pressupõe, em primeira instância, compreensão.

Nas atividades de retextualização, os textos originais a serem retextualizados devem sempre ser autênticos, pois, segundo Marcuschi, os alunos percebem que realizam essa atividade cotidiana e intuitivamente quando, por exemplo, recontam, em casa, histórias que escutaram na escola.

O autor acrescenta que, pelo fato de a retextualização começar prioritariamente, pela compreensão do texto original, esse processo de reescritura, além de funcionar como um exercício de produção de textos, também funciona como um exercício de compreensão de textos e de conhecimento a respeito dos gêneros textuais.

Como são muitos os aspectos que devem ser observados nos processos de retextualização, apresentamos de forma sistematizada a questão em um diagrama elaborado por Marcuschi (2008), porém com algumas adaptações, pois o foco de nossa pesquisa é a retextualização do texto escrito para o escrito.

Quadro 3 – Fluxo das ações no processo de retextualização



(Marcuschi, 2008, p. 72)

No quadro apresentamos o desenho do fluxo que vai da produção escrita “**texto-fonte**” até a produção escrita final, passando por dois momentos: o primeiro é o da compreensão e o segundo momento o da retextualização. A fase denominada final deverá conter o texto na sua versão final, observadas as operações realizadas ao longo do percurso.

3.1.2 – Operações de retextualização

Além da apresentação do fluxo das ações, Marcuschi (2008) propõe um modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito, no qual há operações que orientam o processo de transformação permitindo a compreensão da formulação do texto. Essas operações se dividem em dois blocos.

O primeiro é composto por quatro operações, as quais são atividades de **idealização e de regularização**, que se fundamentam em estratégias de eliminação e de inserção. Ainda não se introduz, nesses casos, uma transformação propriamente.

Já no segundo bloco aparecem cinco operações que são as regras **de transformação e mudança do texto-base**, realizadas pelas estratégias de substituição, seleção, acréscimo, reordenação e condensação. São essas regras de transformação as que caracterizam o processo de retextualização, porque resultam em modificações significativas no texto-fonte. Apresentamos abaixo as operações que compõem os dois blocos mencionados.

Quadro 4 – Modelo das operações textuais-discursivas

1ª OPERAÇÃO: eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras (estratégia de eliminação baseada na idealização linguística).

2ª OPERAÇÃO: introdução da pontuação com base na intuição fornecida pela entoação das falas (estratégia de inserção em que a primeira tentativa segue a sugestão da prosódia).

3ª OPERAÇÃO: retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e pronomes egóticos (estratégia de eliminação para uma condensação linguística).

4ª OPERAÇÃO: introdução da paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem dos tópicos discursivos (estratégia de inserção).

5ª OPERAÇÃO: introdução de marcas metalingüísticas para referenciação de ações e verbalização de contextos expressos por dêiticos (estratégia de reformulação objetivando explicitude).

6ª OPERAÇÃO: Reconstrução de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática, encadeamentos (estratégia de reconstrução em função da norma escrita).

7ª OPERAÇÃO: Tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas (estratégia de substituição visando a uma maior formalidade).

8ª OPERAÇÃO: Reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa (estratégia de estruturação argumentativa).

9ª OPERAÇÃO: Agrupamento de argumentos condensando as ideias (estratégia de condensação).

(Marcuschi, 2008, p. 75)

Com efeito, o modelo proposto por Marcuschi (2008) segue uma escala contínua de estratégias, desde os fenômenos mais próximos típicos da fala até os mais específicos e restritos da escrita. O domínio nesse contínuo vai se manifestando, progressivamente, conforme o retextualizador vai avançando e dando conta das operações. Não há parâmetros fixos para as operações, pode-se pular etapas, parar em outras, dar por encerrada a retextualização em determinada operação, ou seja, em qualquer ponto do processo. Ainda, o modelo não dá conta de alguns fenômenos importantes como o da compreensão, por exemplo. Assim, para uma retextualização ser bem-sucedida, não é necessário que se efetivem todas as operações e, sobretudo na ordem proposta, conforme observa o autor.

Concordando com a concepção de Marcuschi, Dell' Isola (2007) afirma que a retextualização é um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidencia uma série de aspectos da relação entre oralidade-escrita, oralidade-oralidade, escrita-escrita, escrita-oralidade. As operações envolvidas neste processo requerem dos alunos-escritores, usuários da modalidade escrita da língua, muito mais do que a prática de leitura e de escrita, exige que sejam observados fatores de ordens diversas: linguística, cognitiva e interacional.

A retextualização é o processo de transformação de uma modalidade textual em outra, ou seja, trata-se de uma refacção e reescrita de um texto para o outro, processo que envolve operações que evidenciam o funcionamento social da

linguagem. Dell’ Isola considera que o processo de retextualização (ou refacção e reescrita) de qualquer gênero textual traz à tona a necessidade de se refletir sobre a situação de produção do texto como parte integrante do gênero e também sobre as esferas de atividades em que os gêneros se constituem e atuam. Inevitavelmente, uma retextualização implica que se levem em consideração as condições de produção, de circulação e de recepção dos textos.

A prática da escrita de gêneros textuais orientada pela leitura de um texto e pelo desafio de transformar seu conteúdo em outro texto, mantendo a fidelidade às suas informações de base é uma atividade bastante produtiva, segundo Dell’ Isola (2007).

Apresentamos um exemplo de retextualização: do gênero “**Carta à Redação**” ao gênero “**Notícia de jornal**”.

TEXTO-FONTE	TEXTO RETEXTUALIZADO
<p data-bbox="357 1207 655 1240" style="text-align: center;">CARTA DO LEITOR</p> <p data-bbox="288 1314 753 1404" style="text-align: center;">Lavadores de carros achacam proprietários</p> <p data-bbox="226 1473 550 1538">Raider Ribeiro de Souza Belo Horizonte</p> <p data-bbox="226 1588 817 2027">“É uma vergonha para Belo Horizonte o que vem ocorrendo na avenida Bernardo Monteiro, entre avenida dos Andradas e rua Domingos Vieira, e na rua Ceará, entre avenida dos Andradas e rua Domingos Vieira. Lavadores de carros, com suas latas d’ água, só deixam a gente estacionar, se concordamos em ter o veículo lavado por eles. A quem recorrer? À</p>	<p data-bbox="906 1160 1369 1249" style="text-align: center;">Lavadores de carros achacam proprietários</p> <p data-bbox="842 1267 1437 1500" style="text-align: right;">Folha da Cidade <i>Moradores, comerciantes e até mesmo pacientes não conseguem chegar a seus destinos por causa da abordagem dos flanelinhas”.</i></p> <p data-bbox="842 1570 1437 2056">A imagem é corriqueira: ruas em pontos movimentados da cidade que se tornaram estacionamentos usuais de longas filas de carros são os locais onde encontramos com maior frequência os lavadores e vigias de carros. Em Belo Horizonte, eles são cadastrados pela prefeitura e possuem sindicato. “Em sua maioria, são trabalhadores honestos, que prestam um bom serviço à cidade”, afirma</p>

<p>prefeitura, à BHTrans ou à polícia? É um absurdo, pois é uma constante no dia-a-dia de quem precisa estacionar seus veículos nessas vias e ninguém toma uma providência concreta. Estamos cansados de pagar impostos e não receber nada em contrapartida.”</p> <p><i>Jornal Estado de Minas. Belo Horizonte, 11 de maio de 2005, Cartas à Redação.</i></p>	<p>Joaquim dos Santos, presidente do sindicato dos lavadores de carros de BH (SLC – BH). No entanto, são constantes as reclamações sobre a maneira como os lavadores e vigias abordam os motoristas: pedem, insistem, impõem.</p> <p>O comerciante Raider Ribeiro de Souza, dono de uma lanchonete na avenida Bernardo Monteiro há 8 anos, diz que são inúmeros os problemas causados pelos lavadores. Os casos mais extremos são os de pacientes que se encaminham à Santa Casa. Pessoas acidentadas e mulheres em trabalho de parto sofrem com o atraso causado pela tentativa dos lavadores. [...]</p> <p>(Dell’ Isola 2007, p. 74-76)</p>
---	--

No processo de retextualização, a compreensão é atividade onipresente. A partir da leitura e compreensão do texto-fonte, o aluno considera, pelo menos, três variáveis relevantes. São elas: o propósito ou objetivo da retextualização, a relação tipológica entre o gênero textual original e o gênero da retextualização, e os processos de formulação típicos de cada modalidade.

As atividades de retextualização englobam várias operações que favorecem o trabalho com a produção de texto. De acordo com Dell’ Isola, para retextualizar, ou seja, para transpor de uma modalidade para outra ou de um gênero para outro, é preciso, inevitavelmente, que seja entendido o que se disse ou se quis dizer, o que se escreveu e os efeitos de sentido gerados pelo texto escrito. Antes de qualquer atividade de retextualização, portanto, ocorre a compreensão, atividade cognitiva que tanto pode ser caminho livre para que se realize essa transposição textual quanto pode ser a fonte de muitos problemas no plano da coerência.

Por ser inerente à nossa vida, por um texto sempre remeter a outro(s), dentre outras razões, a retextualização propicia o desenvolvimento da habilidade de leitura

e escrita, por meio da reflexão sobre o processo de elaboração dos gêneros. Dell'Isola (2007) salienta que retextualizar é um desafio, constituído pela leitura de um texto e pela transformação de seu conteúdo em outro gênero. É justamente esse desafio que torna a atividade interessante.

Segundo Dell' Isola (2007), o processo de retextualização envolve algumas tarefas: a *leitura*; a *compreensão*, a partir da observação e levantamento das características do texto lido; a *identificação* do gênero, com base na leitura e compreensão; a *retextualização*, produção de um texto a partir de outro; a *conferência*, verificação se o texto produzido atende às condições de produção e é fiel ao conteúdo do texto lido; a *identificação* das características do *gênero-produto* da retextualização; a *reescrita*, orientada pela conferência e pela identificação.

O importante na proposta da autora é que o retextualizador é levado a pensar sobre os gêneros, é conduzido a escrever e, ao produzir um outro texto, ele é praticamente obrigado a rever, a corrigir, a interferir no formato do texto-fonte para realizar a transformação das passagens de um texto para outro. Ao refazer o texto de um formato linguístico para outro formato, uma das preocupações é a manutenção do conteúdo o que leva o retextualizador a guardar alguma equivalência de sentido entre os textos.

Esta abordagem acerca da retextualização, especialmente no tocante às operações de retextualização que envolvem a passagem de *um texto escrito* para *outro texto escrito*, é de fundamental importância para este trabalho, pois o objetivo de nosso trabalho é analisar o processo referencial na retextualização de um texto escrito para outro texto escrito.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DAS RETEXTUALIZAÇÕES

Neste capítulo trataremos da análise do fenômeno da referenciação em retextualizações. As questões que norteiam a nossa investigação são: como ocorre o processo referencial em retextualizações? Do ponto de vista da referenciação, que estratégias são utilizadas pelos sujeitos retextualizadores? O que as retextualizações revelam sobre os processos de referenciação e compreensão de texto?

Baseados em Marcuschi (2008), assumimos os seguintes pressupostos:

- 1) a retextualização é uma atividade que está presente na vida diária das pessoas, quando refazem textos orais ou escritos;
- 2) a compreensão do texto original é condição imprescindível para que se inicie qualquer processo de retextualização;
- 3) o objetivo da retextualização influencia a linguagem utilizada (mais formal, mais informal);
- 4) uma retextualização realizada por outros sujeitos que não o autor do texto-fonte não apresenta alterações de conteúdo, mas sim de aspectos formais;
- 5) a retextualização que garante o gênero textual do texto-fonte apresenta menor número de interferências por parte do sujeito retextualizador.

Em relação à referenciação, assumimos a perspectiva segundo a qual referir é uma atividade realizada no e pelo discurso, que envolve aspectos linguísticos, cognitivos e interacionais, solicitando o uso de diversas estratégias para a introdução e manutenção de referentes.

Do ponto de vista de sua organização, este capítulo é composto por três partes: apresentação do *corpus*, procedimentos de análise e a análise propriamente dita.

4.1 – O *corpus* da pesquisa

O *corpus* da pesquisa é composto por cinco retextualizações referentes ao conto “A carteira” de Machado de Assis. Essa atividade foi realizada em sala de aula por alunos da 8ª série do Ensino Fundamental, atualmente com a nomenclatura 9º ano, na faixa etária entre treze e catorze anos, da Escola “Prof. Cid Chiarelli” da Fundação Educacional Guaçuana, um estabelecimento da rede municipal de ensino da cidade de Mogi Guaçu – SP.

A realização da atividade compreendeu as seguintes etapas:

- a) investigação bibliográfica acerca do gênero “conto”;
- b) projeções de slides sobre a biografia de Machado de Assis;
- c) pesquisa individual pelos alunos sobre a vida do escritor para posterior apresentação aos colegas em sala de aula;
- d) leitura do conto: “A carteira” de Machado de Assis, cuja proposta apresenta o drama da personagem Honório quando encontra uma carteira na rua recheada de dinheiro justamente quando estava endividado;
- e) discussão em torno da seguinte questão proposta pela leitura do texto: **se você encontrasse uma carteira na rua, o que faria com ela?**
- f) retextualização do conto pelos alunos, obedecendo à seguinte orientação: narração da história nos tempos atuais, modificando o nome das personagens e o desfecho.

4.2 – Procedimentos de análise

A fim de atingirmos o objetivo proposto, procederemos à análise do fenômeno referencial no *corpus* constituído. Como não é nosso propósito realizar uma análise exaustiva da referencialização, faremos a análise com relação a **duas** cadeias coesivas presentes ao longo da superfície dos textos, a saber: **o protagonista**: “Honório” (texto-fonte), “Honório” (retextualização 1), “Sr. Antônio” (retextualização 2), “Carlito” (retextualização 3), “Rafael” (retextualização 4) e “André” (retextualização 5); e o elemento desencadeador da história “a carteira” (no texto-fonte e nas retextualizações).

Toda narrativa, segundo Adam (2008), pode ser considerada como a exposição de “fatos” reais ou imaginários que abrangem eventos e ações. As ações se caracterizam pela presença de um agente e o evento acontece sob efeito de causas. Dessa forma, optamos por essas duas cadeias coesivas, pois, dentro dos constituintes narrativos, um sujeito ativo deve ser o responsável pelo desencadeamento e integração de todas as ações envolvidas, mesmo que haja mais de um agente ou personagem. Quanto à carteira, trata-se do elemento que compõe o acontecimento desencadeador da história.

Para a análise pretendida, adotaremos os seguintes procedimentos:

Inicialmente, apresentaremos o texto-fonte “A carteira” de Machado de Assis e procederemos, em seguida, à análise das estratégias referenciais do conto em questão, identificando os elementos linguísticos que introduzem e retomam dois importantes elementos da narrativa, a saber: “Honório” e “carteira”. A análise do texto-fonte será apresentada nos quadros 1 e 2.

Na sequência, reproduziremos cada uma das cinco retextualizações baseadas no texto-fonte que compõem o *corpus* da pesquisa, identificando, também, nessas produções, os elementos linguísticos que introduzem e retomam os dois elementos da narrativa: o protagonista (nomeado de forma distinta pelos retextualizadores) e o objeto “carteira”. Em seguida, faremos a análise de cada uma

das retextualizações, bem como a comparação das estratégias de introdução e retomada nesses textos em relação ao texto-fonte, que serão apresentadas nos quadros de 3 a 12.

4.3 – Análise do *corpus*

4.3.1 – Apresentação do texto-fonte

A CARTEIRA

Machado de Assis

De repente , Honório olhou para o chão e viu uma carteira. Abaixar-se, apanhá-la e guardá-la foi obra de alguns instantes. Ninguém o viu, salvo um homem que estava à porta de uma loja, e que, sem o conhecer, lhe disse rindo:

- 5 — Olhe, se não dá por ela; perdia-a de uma vez.
 — É verdade, concordou Honório envergonhado.

Para avaliar a oportunidade desta carteira, é preciso saber que Honório tem de pagar amanhã uma dívida, quatrocentos e tantos mil-réis, e a carteira trazia o bojo recheado. A dívida não parece grande para um
10 homem da posição de Honório, que advoga; mas todas as quantias são grandes ou pequenas, segundo as circunstâncias, e as dele não podiam ser piores. Gastos de família excessivos, a princípio por servir a parentes, e depois por agradar à mulher, que vivia aborrecida da solidão; baile daqui, jantar dali, chapéus, leques, tanta coisa mais, que não havia
15 remédio senão ir descontando o futuro. Endividou-se. Começou pelas contas de lojas e armazéns; passou aos empréstimos, duzentos a um, trezentos a outro, quinhentos a outro, e tudo a crescer, e os bailes a darem-se, e os jantares a comerem-se, um turbilhão perpétuo, uma voragem.

- 20 — Tu agora vais bem, não? dizia-lhe ultimamente o Gustavo C..., advogado e familiar da casa.

 — Agora vou, mentiu o Honório.

A verdade é que ia mal. Poucas causas, de pequena monta, e constituintes remissos; por desgraça perdera ultimamente um processo,

25 em que fundara grandes esperanças. Não só recebeu pouco, mas até parece que ele lhe tirou alguma cousa à reputação jurídica; em todo caso, andavam mofinas nos jornais. D. Amélia não sabia nada; ele não contava nada à mulher, bons ou maus negócios. Não contava nada a ninguém. Fingia-se tão alegre como se nadasse em um mar de prosperidades. Quando o Gustavo, que ia todas as noites à casa dele, dizia uma ou duas pilhérias, ele respondia com três e quatro; e depois ia ouvir os trechos de música alemã, que D. Amélia tocava muito bem ao piano, e que o Gustavo escutava com indizível prazer, ou jogavam cartas, ou simplesmente falavam de política.

35 Um dia, a mulher foi achá-lo dando muitos beijos à filha, criança de quatro anos, e viu-lhe os olhos molhados; ficou espantada, e perguntou-lhe o que era.

— Nada, nada.

Compreende-se que era o medo do futuro e o horror da miséria. Mas as esperanças voltavam com facilidade. A idéia de que os dias melhores tinham de vir dava-lhe conforto para a luta. Estava com, trinta e quatro anos; era o princípio da carreira: todos os princípios são difíceis. E toca a trabalhar, a esperar, a gastar, pedir fiado ou emprestado, para pagar mal, e a más horas.

45 A dívida urgente de hoje são uns malditos quatrocentos e tantos mil-réis de carros. Nunca demorou tanto a conta, nem ela cresceu tanto, como agora; e, a rigor, o credor não lhe punha a faca aos peitos; mas disse-lhe hoje uma palavra azeda, com um gesto mau, e Honório quer pagar-lhe hoje mesmo. Eram cinco horas da tarde. Tinha-se lembrado de ir a um agiota, mas voltou sem ousar pedir nada. Ao enfiar pela Rua da Assembléia é que viu a carteira no chão, apanhou-a, meteu no bolso, e foi andando.

55 Durante os primeiros minutos, Honório não pensou nada; foi andando, andando, andando, até o Largo da Carioca. No Largo parou alguns instantes, — enfiou depois pela Rua da Carioca, mas voltou logo, e entrou na Rua Uruguaiana. Sem saber como, achou-se daí a pouco no

Largo de S. Francisco de Paula; e ainda, sem saber como, entrou em um Café. Pediu alguma coisa e encostou-se à parede, olhando para fora. Tinha medo de abrir a carteira; podia não achar nada, apenas papéis e sem valor para ele. Ao mesmo tempo, e esta era a causa principal das reflexões, a consciência perguntava-lhe se podia utilizar-se do dinheiro que achasse. Não lhe perguntava com o ar de quem não sabe, mas antes com uma expressão irônica e de censura.

Podia lançar mão do dinheiro, e ir pagar com ele a dívida?

Eis o ponto. A consciência acabou por lhe dizer que não podia, que devia levar a carteira à polícia, ou anunciá-la; mas tão depressa acabava de lhe dizer isto, vinham os apuros da ocasião, e puxavam por ele, e convidavam-no a ir pagar a cocheira. Chegavam mesmo a dizer-lhe que, se fosse ele que a tivesse perdido, ninguém iria entregar-lha; insinuação que lhe deu ânimo.

Tudo isso antes de abrir a carteira. Tirou-a do bolso, finalmente, mas com medo, quase às escondidas; abriu-a, e ficou trêmulo. Tinha dinheiro, muito dinheiro; não contou, mas viu duas notas de duzentos mil-réis, algumas de cinqüenta e vinte; calculou uns setecentos mil réis ou mais; quando menos, seiscentos. Era a dívida paga; eram menos algumas despesas urgentes.

Honório teve tentações de fechar os olhos, correr à cocheira, pagar, e, depois de paga a dívida, adeus; reconciliar-se-ia consigo. Fechou a carteira, e com medo de a perder, tornou a guardá-la. Mas daí a pouco tirou-a outra vez, e abriu-a, com vontade de contar o dinheiro. Contar para quê? Era dele? Afinal venceu-se e contou: eram setecentos e trinta mil-réis. Honório teve um calafrio. Ninguém viu, ninguém soube; podia ser um lance da fortuna, a sua boa sorte, um anjo... Honório teve pena de não crer nos anjos... Mas por que não havia de crer neles? E voltava ao dinheiro, olhava, passava-o pelas mãos; depois, resolvia o contrário, não usar do achado, restituí-lo. Restituí-lo a quem? Tratou de ver se havia na carteira algum sinal.

“Se houver um nome, uma indicação qualquer, não posso utilizar-me do dinheiro,” pensou ele.

90 Esquadrinhou os bolsos da carteira. Achou cartas, que não abriu, bilhetinhos dobrados, que não leu, e por fim um cartão de visita; leu o nome; era do Gustavo. Mas então, a carteira?... Examinou-a por fora, e pareceu-lhe efetivamente do amigo. Voltou ao interior; achou mais dous cartões, mais três, mais cinco. Não havia dúvida; era dele.

95 A descoberta entristeceu-o. Não podia ficar com o dinheiro, sem praticar um ato ilícito, e, naquele caso, doloroso ao seu coração porque era em dano de um amigo. Todo o castelo levantado esboroou-se como se fosse de cartas. Bebeu a última gota de café, sem reparar que estava frio. Saiu, e só então reparou que era quase noite. Caminhou para casa.
100 Parece que a necessidade ainda lhe deu uns dous empurrões, mas ele resistiu.

“Paciência, disse ele consigo; verei amanhã o que posso fazer.”

105 Chegando a casa, já ali achou o Gustavo, um pouco preocupado. E a própria D. Amélia o parecia também. Entrou rindo, e perguntou ao amigo se lhe faltava alguma coisa.

— Nada.

— Nada?

— Por quê?

— Mete a mão no bolso; não te falta nada?

110 — Falta-me a carteira, disse o Gustavo sem meter a mão no bolso. Sabes se alguém a achou?

— Achei-a eu, disse Honório entregando-lha.

115 Gustavo pegou dela precipitadamente, e olhou desconfiado para o amigo. Esse olhar foi para Honório como um golpe de estilete; depois de tanta luta com a necessidade, era um triste prêmio. Sorriu amargamente; e, como o outro lhe perguntasse onde a achara, deu-lhe as explicações precisas.

— Mas conheceste-a?

— Não; achei os teus bilhetes de visita.

120

Honório deu duas voltas, e foi mudar de toilette para o jantar.

Então Gustavo sacou novamente a carteira, abriu-a, foi a um dos bolsos, tirou um dos bilhetinhos, que o outro não quis abrir nem ler, e estendeu-o a D. Amélia, que, ansiosa e trêmula, rasgou-o em trinta mil pedaços: era um bilhetinho de amor.

125

ASSIS, Machado. *Obra completa volume II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979. p. 961-963.

4.3.2 – Análise do processo referencial no texto-fonte

Analisando a referenciação constituída em relação ao principal personagem da narrativa, verificamos que o referente introduzido “Honório” (linha 1) é **retomado/mantido** por meio de: **pronominalização, repetição, elipse, expressão nominal definida e expressão nominal indefinida**, conforme apresentamos no quadro a seguir.

Quadro 1 – Elementos linguísticos que introduzem e mantêm a personagem da narrativa “Honório”

LINHAS	ENUNCIADOS DO TEXTO	ESTRATÉGIA REFERENCIAL
2 e 3 3 e 4 35 68	“Ninguém o viu, salvo um homem que ...” “sem o conhecer, lhe disse rindo” “a mulher foi achá- lo dando muitos...” “convidavam- no a ir pagar a cocheira”	pronominalização
4 20 26 36 41 47 48 61 62 65 67 68 70	“sem o conhecer, lhe disse rindo” “dizia- lhe ultimamente o Gustavo C.” “ele lhe tirou alguma coisa à reputação” “e viu- lhe os olhos molhados” “dava- lhe conforto para a luta” “o credor não lhe punha a faca aos peitos” “mas disse- lhe hoje uma palavra azeda” “perguntava- lhe se podia utilizar-se do...” “não lhe perguntava com o ar de quem...” “A consciência acabou por lhe dizer” “tão depressa acabava de lhe dizer isto” “Chegavam mesmo a dizer- lhe que” “insinuação que lhe deu ânimo”	

26 27 e 28 31 59 e 60 67 e 68 69	"parece que ele lhe tirou alguma coisa" " ele não contava nada à mulher" " ele respondia com três e quatro" "apenas papéis e sem valor para ele " "puxavam por ele , e convidavam-no a ir" "se fosse ele que a tivesse perdido"	pronominalização
89 100 102	"utilizar- me do dinheiro, pensou ele" "uns dous empurrões, mas ele resistiu" "Paciência, disse ele consigo"	
11 30 81	"e as dele não podiam ser piores" "que ia todas as noites à casa dele " "Contar para quê? Era dele ?"	
122	"que o outro não quis abrir nem ler"	
6 7 e 8 9 e 10 48 53 77 112 114 120	"concordou Honório envergonhado" "é preciso saber que Honório tem de..." "para um homem da posição de Honório " "e Honório quer pagar-lhe hoje mesmo" " Honório não pensou nada" " Honório teve tentações de fechar os..." "Achei-a eu, disse Honório entregando..." "esse olhar foi para Honório como um..." " Honório deu duas voltas e foi mudar..."	
15 23 24 28 31	" Ø Endividou-se". Começou pelas contas" "A verdade é que Ø ia mal. Poucas causas" "por desgraça Ø perdera ultimamente um" " Ø Não contava nada a ninguém." "depois Ø ia ouvir os trechos de música"	elipse
113 e 114	"e olhou desconfiado para o amigo "	uso de expressão nominal definida
9 e 10	"para um homem da posição de Honório"	uso de expressão nominal indefinida

Quanto ao elemento da narrativa “**uma carteira**” (linha 1), observamos na retomada e manutenção do referente introduzido: uso de **pronominalização**; **uso de expressão nominal definida** e **elipse**. Além disso, merece destaque a introdução de novos referentes ancorados em expressões no cotexto, caso expressivo de anáforas indiretas. No quadro a seguir, apresentamos as estratégias utilizadas pelo autor na introdução e manutenção do referente “**carteira**”:

Quadro 2 – Elementos linguísticos que introduzem, mantêm ou encontram-se ancorados no elemento da narrativa “**uma carteira**” (linha 1)

LINHAS	ENUNCIADOS DO TEXTO	ESTRATÉGIA REFERENCIAL
2	“apanhá- la e guardá- la foi obra de alguns”	pronominalização
5	“se não dá por ela ; perdia- a de uma vez.”	
51	“apanhou- a , meteu no bolso”	
66	“levar a carteira à polícia, ou anunciá- la ”	
69	“se fosse ele que a tivesse perdido”	
69	“ninguém iria entregar- lha ”	
71	“Tirou- a do bolso, finalmente”	
72	“abriu- a , e ficou trêmulo”	
79	“e com medo de a perder ”	
79	“tornou a guardá- la .”	
80	“tirou- a outra vez e abriu- a ”	
92	“Examinou- a por fora, e”	
111	“Sabes se alguém a achou?”	
112	“Achei- a eu, disse Honório”	
112	“entregando- lha ”	
116	“lhe perguntara onde a achara”	
118	“Mas conheceste- a ?”	
121	“sacou novamente a carteira, abriu- a ”	
5	“se não dá por ela ”	
113	“Gustavo pegou dela ”	

7	"a oportunidade desta carteira "	uso de expressão nominal
9 51 59 66 71 78 e 79 92 110 121	"e a carteira trazia o bojo recheado" "é que viu a carteira no chão," "Tinha medo de abrir a carteira ;" "devia levar a carteira à polícia, " "Tudo isso antes de abrir a carteira " "Fechou a carteira , e com medo de" "Mas então, a carteira ?..." "Falta-me a carteira , disse o Gustavo" "Então Gustavo sacou novamente a carteira "	repetição
51 e 52	"meteu \emptyset no bolso, e foi andando"	elipse
9 85 e 86 61 e 62	"e a carteira trazia o bojo recheado. " "resolvia o contrário, não usar do achado, " "se podia utilizar-se do dinheiro que achasse"	introdução de referentes ancorados no cotexto (anáfora indireta)

4.3.3 – Análise do processo referencial nas cinco retextualizações baseadas no texto-fonte “A carteira”

Retextualização 1

A CARTEIRA

Em uma tarde de sol, Honório estava andando na rua perto de sua casa, já eram umas cinco horas da tarde, quando viu na esquina um pedaço de couro. Então, chegou mais perto e viu que aquilo era uma carteira e parecia estar com muito dinheiro, porque estava cheia e estufada.

Honório olhou para todos os cantos da rua e percebeu que ninguém mais tinha visto, somente ele, e então esticou o braço para apanhá-la. Ao colocá-la dentro do bolso, um senhor estava saindo de uma loja e lhe disse:

----- Se não desse conta, poderia ter perdido.

Honório sorriu e apenas balançou a cabeça, estava tenso e não sabia de quem era e nem ao menos se a pessoa já tivera dado falta. Assim foi pensando sobre o que iria fazer com a carteira durante o trajeto para casa. Resolveu parar em uma lanchonete, pedir um café. Ficou tão distraído que nem se deu conta das horas que já tinham passado. Decidiu ir embora para casa, pois já era noite.

A caminho de casa foi pensando no que iria fazer: iria devolver, ou, se tivesse dinheiro, pegar, pois suas condições financeiras estavam muito críticas. Honório devia uma grande quantia em dinheiro e não tinha como pagar. Mesmo assim, resolveu abri-la no dia seguinte.

Chegou em casa e ficou com sua mulher, jantou e logo depois foi se deitar.

Na manhã seguinte, no trabalho, Honório resolveu abrir a carteira. Ao abrir, teve uma surpresa. Na carteira havia muito dinheiro. Ali havia tudo que precisava para pagar suas dívidas. Também viu que continha alguns bilhetinhos que nem chegou a abrir e um cartão de visita. Olhou o nome e viu que era de seu grande amigo Gustavo C. Ao perceber isso, Honório ficou chocado, Gustavo era um grande amigo e não podia pegar seu dinheiro. Gustavo sempre estava na sua casa, era amigo de sua mulher também. Era um grande problema a ser resolvido. Então, Honório foi embora para sua casa pensando no que iria fazer.

Chegando lá, Gustavo C. estava em sua casa com uma cara de assustado, e sua mulher tensa. Então perguntou:

----- O que aconteceu com você?

Gustavo não quis falar que tinha perdido sua carteira. Honório tornou a perguntar:

----- Tem certeza?

Gustavo ficou pálido, não conseguia falar.

----- Você não perdeu sua carteira, Gustavo?

Gustavo olhou e ficou com medo, porque lá havia alguns segredos que ninguém podia saber, mas mesmo assim, respondeu que havia perdido.

Honório, com um sorriso no rosto, deu a carteira para o amigo.

Gustavo apanhou de sua mão e saiu dando um soco na porta.

Honório não sabia o que tinha acontecido, então sua mulher, ao ver a cena, resolveu contar a Honório, dizendo-lhe que tinha um caso com Gustavo. Ao escutar isso, Honório ficou muito bravo e expulsou a mulher de casa, dizendo que nunca mais queria vê-la de novo.

Honório foi morar com dois primos em outra cidade bem distante dali e vendeu a casa para pagar suas dívidas. Com ela quitada, poderia começar uma nova vida em outro lugar.

Na retextualização 1, a orientação dada para que os alunos alterassem o nome da personagem não foi acatada, de maneira que o personagem do texto-fonte “Honório” é apresentado com igual nome na retextualização. “**Honório**” (linha 1) é **introduzido, retomado/mantido** no texto por meio das seguintes estratégias referenciais: **pronominalização; repetição; elipse**.

Comparando a referenciação constituída em relação ao personagem “Honório” no texto-fonte e na retextualização 1, obtemos o seguinte quadro comparativo:

Quadro 3 – A referenciação no texto-fonte e na retextualização 1 relacionada ao personagem “**Honório**”:

TEXTO-FONTE	ESTRATÉGIA REFERENCIAL	RETEXTUALIZAÇÃO 1	ESTRATÉGIA REFERENCIAL
“Ninguém o viu, salvo” “sem o conhecer” “foi achá- lo dando” “convidavam- no a ir”	pronominalização	(linha 7) “ninguém mais tinha visto, somente “ ele ”	pronominalização
“ lhe disse rindo” “dizia- lhe ” “ele lhe tirou” “e viu- lhe os olhos” “dava- lhe ” “não lhe punha” “mas disse- lhe ” “perguntava- lhe ” “não lhe perguntava” “por lhe dizer” “ lhe dizer isto” “a dizer- lhe que” “ lhe deu ânimo”	pronominalização	“estava saindo de uma loja e lhe disse:” (linha 8) “dizendo- lhe que tinha um caso com Gustavo” (linha 46)	pronominalização

<p>"∅ Endividou-se"</p> <p>"A verdade é que ∅ ia mal"</p> <p>"por desgraça ∅ perdera"</p> <p>"∅ Não contava nada a ninguém"</p> <p>"depois ∅ ia ouvir"</p>	<p>elipse</p>	<p>"quando ∅ viu na esquina"</p> <p>"∅ chegou mais perto e ∅ viu que"</p> <p>"∅ esticou o braço"</p> <p>"∅ estava tenso e ∅ não sabia"</p>	<p>elipse</p>
<p>"parece que ele lhe tirou alguma coisa"</p> <p>"ele não contava nada à mulher"</p> <p>"ele respondia com três e quatro"</p> <p>"apenas papéis e sem valor para ele"</p> <p>"puxavam por ele, e convidavam-no a ir"</p> <p>"se fosse ele que a tivesse perdido"</p> <p>"e as dele não podiam ser piores"</p> <p>"que ia todas as noites à casa dele"</p> <p>"Contar para quê? Era dele?"</p> <p>"que o outro não quis abrir nem ler"</p>	<p>pronominalização</p>		
<p>"concordou Honório envergonhado"</p> <p>"é preciso saber que</p>	<p>repetição</p>		

<p>Honório tem de...” “para um homem da posição de Honório” “e Honório quer pagarlhe hoje mesmo” “Honório não pensou nada” “Honório teve tentações de fechar os...” “Achei-a eu, disse Honório entregando...” “esse olhar foi para Honório como um...” “Honório deu duas voltas e foi mudar...”</p>	repetição		
<p>“e olhou desconfiado para o amigo”</p>	uso de expressão nominal definida		
<p>“para um homem da posição de Honório”</p>	uso de expressão nominal indefinida		

Comparando a referenciação constituída em relação ao elemento da narrativa “carteira” no texto-fonte e na retextualização 1, obtemos o seguinte quadro comparativo:

Quadro 4 – A referenciação no texto-fonte e na retextualização 1 relacionada ao elemento da narrativa “**carteira**”:

TEXTO-FONTE	ESTRATÉGIA REFERENCIAL	RETEXTUALIZAÇÃO 1	ESTRATÉGIA REFERENCIAL
“Honório olhou para o chão e viu uma carteira ” (linha 1)	“ uma carteira ” Introdução do referente	“quando viu na esquina um pedaço de couro ” (linha 3)	“ Um pedaço de couro ” Introdução do referente
“ a carteira trazia o bojo” “viu a carteira ” “levar a carteira ” “de abrir a carteira ” “Fechou a carteira ” “Mas então, a carteira ?...” “Falta-me a carteira ” “sacou novamente a carteira ”	repetição	“o que iria fazer com a carteira ”, (linha 13) “resolveu abrir a carteira ”, (linha 23) “deu a carteira ” (linha 43)	repetição
“apanhá- la e guardá- la ” “perdia- a ” “apanhou- a ” “anunciá- la ” “ a tivesse perdido” “entregar- lha ” “Tirou- a do bolso” “abriu- a ”	pronominalização	“esticou o braço para apanhá- la ”, (linha 7) “Ao colocá- la dentro do bolso”, (linha 8) “mesmo assim resolveu abri- la ” (linha 20)	pronominalização
“meteu \emptyset no bolso”	elipse	“porque \emptyset estava cheia”, (linha 4) “poderia ter perdido \emptyset ”, (linha 10) “de quem era \emptyset ” (linha 12)	elipse

		"Era um grande problema a ser resolvido" (linha 30)	rotulação
--	--	--	-----------

Retextualização 2

O HOMEM E A CARTEIRA

Sr. Antônio andava calmamente pela rua quando, de repente, por ironia do destino, ele olha para o chão e vê uma carteira. Não exitou em pegá-la, enfiou-a em seu bolso e saiu andando.

5 Chegando a seu destino, uma cafeteria, sentou-se e analisou a carteira. Notou logo que ela estava cheia de dinheiro e de algumas cartas e bilhetinhos. Antônio não se preocupou com os bilhetes, e sim em contar o dinheiro. Havia exatamente 5.000,00 dólares. Antônio pensou em usar o dinheiro para quitar suas dívidas, mas ficou com dor na consciência; procurou algum documento e encontrou o RG de seu amigo João. Na
10 verdade os dois eram mais do que amigos.

Antônio foi à casa de João, mas não o encontrou, então foi à padaria e o encontrou. Conversa vai, conversa vem, Antônio entregou a carteira. João agradeceu e foi saindo, despediu-se de Antônio e foi embora.

15 Chegou a uma floricultura onde trabalhava Maria, retirou um dos bilhetinhos de sua carteira e entregou-o a Maria que ficou toda vermelhinha e o rasgou em mil pedaços.

Moral: Mais vale ser curioso agora do que corno amanhã.

20 **Pedro Henrique M. Pappa – 8ª série B**

Atendendo a orientação de que na atividade os alunos deveriam mudar os nomes das personagens, o autor da retextualização 2 mudou o nome “Honório” para o nome “Sr. Antônio”.

O referente “**Sr. Antônio**” (linha 1) é retomado e mantido por meio de estratégias como **repetição; pronominalização e elipse, conforme descrito no quadro a seguir:**

Quadro 5 – A referenciação no texto-fonte e na retextualização 2 relacionada ao personagem “Honório” / “Sr. Antônio”: (linha 1)

TEXTO-FONTE	ESTRATÉGIA REFERENCIAL	RETEXTUALIZAÇÃO 2	ESTRATÉGIA REFERENCIAL
<p>“concordou Honório” “saber que Honório” “posição de Honório” “e Honório quer pagar” “Honório não pensou”</p>	repetição	<p>“Sr. Antônio andava calmamente” (linha 1) “Antônio não se preocupou” (linha 6) “Antônio pensou em usar o dinheiro” (linha 7) “Antônio foi à casa” de João” (linha 11) “Antônio entregou a carteira”, (linhas 12 e 13) “despediu-se de Antônio e foi embora” (linhas 13 e 14)</p>	repetição
<p>“ele lhe tirou” “ele não contava” “ele respondia”</p>	pronominalização	<p>“ele olha para o chão e vê uma carteira” (linha 2)</p>	pronominalização

<p>"sem valor para ele" "e puxavam por ele" "se fosse ele" "pensou ele" "mas ele resistiu" "disse ele consigo"</p>	<p>pronominalização</p>		
<p>"∅ Endividou-se" "A verdade é que ∅ ia mal" "por desgraça ∅ perdera" "∅ Não contava nada a ninguém" "depois ∅ ia ouvir"</p>	<p>elipse</p>	<p>"∅ vê uma carteira" "∅ não exitou" "∅ enfiou-a em seu bolso" e ∅ saiu andando" "∅ sentou-se e ∅ analisou" "∅ notou", "mas ∅ ficou" "∅ procurou algum documento e ∅ encontrou" "∅ foi à padaria"</p>	<p>elipse</p>

Quanto ao elemento da narrativa "**uma carteira**" (linha 2), é retomado e mantido por meio do uso de expressão nominal definida "**a carteira**" e **pronomes**.

As expressões nominais "**algum documento**" e "**RG**" (linha 9) são introduzidas com base na âncora "**a carteira**" presente no cotexto. Trata-se de anáforas indiretas, visto que não retomam pontualmente o referente "a carteira", mas são interpretadas com base nesse referente, considerando o conhecimento que temos das coisas do mundo, segundo o qual a carteira é um item que serve para guardar documentos e dinheiro.

O quadro a seguir apresenta uma descrição do que acabamos de dizer:

Quadro 6 – A referenciação no texto-fonte e na retextualização 2 relacionada ao elemento da narrativa “**uma carteira**” (linha 2)

TEXTO-FONTE	ESTRATÉGIA REFERENCIAL	RETEXTUALIZAÇÃO 2	ESTRATÉGIA REFERENCIAL
<p>“a carteira trazia” “viu a carteira no chão” “medo de abrir a carteira” “devia levar a carteira” “antes de abrir a carteira” “Fechou a carteira”</p>	repetição	<p>“sentou-se e analisou a carteira” (linhas 4 e 5) “Antônio entregou a carteira” (linha 12 e 13)</p>	repetição
<p>“se não dá por ela” “apanhá-la e guardá-la” “perdia-a de uma vez.” “apanhou-a” “anunciá-la” “que a tivesse perdido” “entregar-lha” “Tirou-a do bolso”</p>	pronominalização	<p>“Não exitou em pegá-la”, (linha 3) “enfiou-a em seu bolso e saiu andando” (linha 3) “notou que ela estava cheia de dinheiro” (linha 5)</p>	pronominalização
		<p>“procurou algum documento e encontrou o RG de seu amigo João”. (linha 9)</p>	introdução de novos referentes ancorados no contexto (anáfora indireta)

Retextualização 3

CARLITO E A CARTEIRA

Em um dia de sol, Carlito passeava pela cidade lentamente, pensando em sua vida que já não estava muito boa devido ao seu desemprego, que agravou despesas, pois, no caso, não podiam ser pagas devido à falta de dinheiro de Carlito. Andando, ele se deparou com uma carteira, carteira estufada, sinal de muito dinheiro.

Carlito pegou a carteira, muito atento ao seu redor e, com cuidado, Carlito escondeu-a em seu bolso, e assim foi para casa pensar no que faria com a carteira. Fez tudo isso sem abrir a estufada carteira.

Passaram-se várias horas até que Carlito decidiu, então, abrir a carteira. Ele a abriu e foi logo procurando algum documento lá dentro. Carlito procurou e não achou nenhuma identificação, e, assim feliz, foi para a repartição da carteira onde geralmente fica o dinheiro, mas lá não tinha dinheiro e sim várias contas a pagar.

Carlito ficou aborrecido e colocou a carteira de volta no lugar onde ele tinha achado-a.

Alan Ricardo – 8ª série D

O autor da retextualização 3 mudou o nome “Honório” para o nome “Carlito” (linha 1), que é retomado/mantido por meio das estratégias de **repetição e pronominalização**, conforme descrito no quadro a seguir:

Quadro 7 – A referenciação no texto-fonte e na retextualização 3 relacionada ao personagem “Honório” / “**Carlito**” (linha 1)

TEXTO-FONTE	ESTRATÉGIA REFERENCIAL	RETEXTUALIZAÇÃO 3	ESTRATÉGIA REFERENCIAL
<p>“Honório olhou para o chão e viu <i>uma carteira</i>” (linha 1)</p>	<p>Honório Introdução do referente</p>	<p>“Carlito passeava” (linha 1)</p>	<p>Carlito Introdução do referente</p>
<p>“concordou Honório” “saber que Honório” “posição de Honório” “e Honório quer pagar” “Honório não pensou”</p>	<p>repetição</p>	<p>“devido à falta de dinheiro de Carlito” (linha 4) “Carlito pegou a carteira” (linha 6) “Carlito escondeu-a em seu bolso” (linha 7) “Carlito decidiu, então, abrir a carteira” (linha 9) “Carlito procurou e não achou” (linha 11) “Carlito ficou aborrecido e colocou a carteira de volta” (linha 14)</p>	<p>repetição</p>

<p>“ele lhe tirou”</p> <p>“ele não contava”</p> <p>“ele respondia”</p> <p>“sem valor para ele”</p> <p>“e puxavam por ele”</p>	pronominalização	<p>“ele se deparou com uma carteira” (linha 4)</p> <p>“Ele a abriu e foi logo procurando” (linha 10)</p>	pronominalização
--	------------------	--	------------------

Quanto ao elemento da narrativa “**uma carteira**” (linha 2), é retomado e mantido por meio de uma **expressão nominal definida** e de **pronomes**, como descrito no quadro a seguir:

Quadro 8 – A referenciação no texto-fonte e na retextualização 3 relacionada ao elemento da narrativa “**uma carteira**” (linha 5).

TEXTO-FONTE	ESTRATÉGIA REFERENCIAL	RETEXTUALIZAÇÃO 3	ESTRATÉGIA REFERENCIAL
<p>“a carteira trazia o bojo”</p> <p>“viu a carteira no chão”</p> <p>“medo de abrir a carteira”</p> <p>“devia levar a carteira”</p> <p>“antes de abrir a carteira”</p>	repetição	<p>“Carlito pegou a carteira” (linha 6)</p> <p>“foi para casa pensar no que faria com a carteira” (linha 7)</p> <p>“decidiu, então, abrir a carteira” (linha 9)</p> <p>“ficou aborrecido e colocou a carteira de volta” (linha 14)</p>	repetição

<p>“apanhá-la e guardá-la” “perdia-a de uma vez.” “apanhou-a” “anunciá-la” “que a tivesse perdido” “entregar-lha” “Tirou-a do bolso”</p>	<p>pronominalização</p>	<p>“Carlito escondeu-a em seu bolso” (linha 7) “Ele a abriu e foi logo procurando” (linha 10) “onde ele tinha achado-a” (linha 15)</p>	<p>pronominalização</p>
		<p>“carteira estufada, sinal de muito dinheiro” (linha 5) “Fez tudo isso sem abrir a estufada carteira”. (linha 8)</p>	<p>uso de expressão nominal</p>
		<p>“foi logo procurando algum documento lá dentro” (linha 10)</p>	<p>introdução de novo referente ancorado no contexto (anáfora indireta)</p>

Retextualização 4

A TRAIÇÃO DE UM AMIGO

Rafael era deputado federal, morava em Brasília, tinha uma esposa muito extravagante e duas crianças terríveis. Sua mulher amava ir ao “shopping” nas lojas mais caras e adorava sair à noite.

5 Com idas e vindas ao “shopping” e a restaurantes caros, Rafael caiu em dívidas gigantes, prestações de lojas que nunca acabavam.

Rafael tinha um amigo de infância chamado Pedro. Ele convivia todos os dias com Rafael, pois eles trabalhavam juntos na Câmara Federal.

10 Numa tarde, Rafael estava indo até o Ministério da Fazenda para uma reunião quando achou uma carteira. Ele teve uma ótima reação, pois era a solução de seus problemas. Sentou-se na sala de espera e abriu a carteira. Ela estava recheada de dólares, pelo que ele contou tinha cerca de 1.000 dólares, isso pagaria todas as suas dívidas. Mas quando ele olhou bem, tinha um cartão de visitas e uma carta que eram de seu amigo
15 Pedro. Ele não resistiu e abriu a carta. Viu que a carta era para sua mulher. Ele ficou super nervoso e foi tirar satisfações com os dois. Perdeu o controle, pegou uma arma e matou seu melhor amigo.

Thiago da Rocha G. de Oliveira – 8ª série B

O autor da retextualização 4 mudou o nome “Honório” para o nome “Rafael” (linha 1), atendendo a orientação de que na atividade os alunos deveriam mudar os nomes das personagens.

O referente “Rafael” é retomado/mantido por meio das seguintes estratégias referenciais: **repetição**; **pronominalização** e **elipse**, como descrito no quadro a seguir:

Quadro 9 – A referenciação no texto-fonte e na retextualização 3 relacionada ao personagem “Honório” / “Rafael” (linha 1)

TEXTO-FONTE	ESTRATÉGIA REFERENCIAL	RETEXTUALIZAÇÃO 4	ESTRATÉGIA REFERENCIAL
“De repente, Honório olhou para o chão”	Honório Introdução do referente	“ Rafael era deputado federal”	Rafael Introdução do referente
“ Honório tem de pagar” “para um homem da posição de Honório ” “mentiu o Honório ” “ Honório teve tentações” “ Honório teve um calafrio”	repetição	“ Rafael caiu em dívidas gigantes” (linhas 4 e 5) “ Rafael tinha um amigo de infância” (linha 6) “Ele convivia todos os dias com Rafael ” (linhas 6 e 7) “ Rafael estava indo até o Ministério da Fazenda” (linha 9)	repetição
“∅ Endividou-se” “A verdade é que ∅ ia mal” “por desgraça ∅ perdera”	elipse	“∅ morava em Brasília” (linha 1) “∅ tinha uma esposa” (linhas 1 e 2) “∅ achou uma carteira”	elipse

<p>“Ø não contava nada a ninguém” “depois Ø ia ouvir”</p>	<p>elipse</p>	<p>(linha 10) “Ø sentou-se na sala de espera” (linha 11) “e Ø abriu a carteira” (linhas 11 e 12) “e Ø abriu a carta” (linha 15)</p>	
--	---------------	--	--

Quanto ao elemento da narrativa “**uma carteira**” (linha 11), percebemos que o referente é retomado/mantido por meio de **expressão nominal definida** e **pronominalização**, como descrito no quadro a seguir:

Quadro 10 – A referenciação no texto-fonte e na retextualização 4 relacionada ao elemento da narrativa “**uma carteira**” (linha 11).

TEXTO-FONTE	ESTRATÉGIA REFERENCIAL	RETEXTUALIZAÇÃO 4	ESTRATÉGIA REFERENCIAL
<p>“a carteira trazia” “viu a carteira” “medo de abrir a carteira” “devia levar a carteira”...</p>	<p>repetição</p>	<p>“e abriu a carteira” (linhas 11 e 12)</p>	<p>uso de expressão nominal definida</p>
<p>“se não dá por ela”</p>	<p>pronominalização</p>	<p>“Ela estava recheada de dólares”</p>	<p>pronominalização</p>
		<p>“Ele teve uma ótima reação, pois era a solução de seus problemas” (linhas 10 e 11)</p>	<p>recategorização do referente</p>

Retextualização 5

O CASAL DE SORTE

Em um fim de tarde, quando André voltava para casa depois de um dia inteiro procurando emprego, pois acabara de ser demitido, passando pela praça, avistou uma carteira. Sem pensar duas vezes, pegou a carteira e guardou-a no bolso.

5 Antes de abrir a carteira, a primeira coisa que lhe veio em mente foi sua dívida: tinha comprado um carro novinho, mas estava no guincho, pois sua mulher, Fernanda, estava dirigindo sem habilitação. Sua dívida no total era de R\$ 40.000,00, mas escondia de todos os seus problemas.

10 Ele sentou em um dos bancos da praça e abriu a carteira. Dentro dela havia um cheque no valor de R\$ 50.000,00. Ele ficou assustado e ao mesmo tempo feliz, pois com essa quantia tiraria o carro do guincho, terminaria de pagá-lo e ainda sobraria uma graninha. Nem olhou os documentos que ali havia.

15 Voltou para casa muito contente, mas percebeu que Fernanda estava triste e muito furiosa. Ela disse:

----- André, você não sabe o que me aconteceu!

----- O que foi, meu bem?

20 ----- Lembra quando você me pediu para parar com meus jogos da Megassena? Então, eu não parei, e hoje me ligaram dizendo que tinha ganhado um valor de R\$ 50.000,00. Na hora que eu estava vindo embora, eu acabei perdendo minha carteira.

----- Fernanda, eu achei uma carteira com um cheque nesse valor!

25 Fernanda olhou a carteira que André havia encontrado e a carteira realmente era dela. Eles ficaram muito felizes. Saíram à noite para comemorar.

Atendendo a orientação de que na atividade os alunos deveriam mudar os nomes das personagens, o autor da retextualização 5 mudou o nome “Honório” para o nome “André” (linha 1) que é retomado/mantido por meio das seguintes estratégias referenciais: **repetição**; **pronominalização** e **elipse**, como descrito no quadro a seguir:

Quadro 11 – A referenciação no texto-fonte e na retextualização 5 relacionada ao personagem “Honório” / “André” (linha 1):

TEXTO-FONTE	ESTRATÉGIA REFERENCIAL	RETEXTUALIZAÇÃO 5	ESTRATÉGIA REFERENCIAL
<p>“De repente, Honório olhou para o chão”</p>	<p>Honório Introdução do referente</p>	<p>“André voltava para casa”</p>	<p>André Introdução do referente</p>
<p>“concordou Honório” “saber que Honório” “da posição de Honório” “e Honório quer pagar” “Honório não pensou”</p>	<p>repetição</p>	<p>“--André, você não sabe o que me aconteceu!” (linha 16) “Fernanda olhou a carteira que André havia encontrado” (linha 23)</p>	<p>repetição</p>
<p>“ele lhe tirou” “ele não contava” “ele respondia” “sem valor para ele” “e puxavam por ele” “por lhe dizer”</p>	<p>pronominalização</p>	<p>“Ele sentou em um dos bancos da praça” (linha 9) “Ele ficou assustado” (linha 10) “que lhe veio em mente” (linha 5)</p>	<p>pronominalização</p>

<p>"lhe dizer isto" "a dizer-lhe que" "lhe deu ânimo"</p>			
<p>"Ø Endividou-e" "A verdade é que Ø ia mal" "por desgraça Ø perdera" "Ø Não contava nada a ninguém" "depois Ø ia ouvir"</p>	<p>elipse</p>	<p>"pois Ø acabara de ser demitido" (linha 2) "Ø avistou uma carteira" (linha 3) "Ø pegou a carteira" (linha 4) "Ø guardou-a no bolso" (linha 4) "Ø tinha comprado um carro novinho" (linha 6) "mas Ø escondia de todos os seus problemas" (linha 8) "Ø abriu a carteira" (linha 9) "Ø tiraria o carro do guincho" (linha 11) "Ø terminaria de pagá- lo" (linha 12) "Ø nem olhou os documentos" (linhas 12 e 13) "Ø Voltou para casa" (linha 14)</p>	<p>Elipse</p>

Quanto ao elemento da narrativa "**uma carteira**" (linha 3), observamos que o referente é retomado/mantido por meio de algumas estratégias referenciais como uso de **expressão nominal definida**; **repetição** e **pronominalização**, como descrito no quadro a seguir:

Quadro 12 – A referenciação no texto-fonte e na retextualização 5 relacionada ao elemento da narrativa “**uma carteira**” (linha 3).

TEXTO-FONTE	ESTRATÉGIA REFERENCIAL	RETEXTUALIZAÇÃO 5	ESTRATÉGIA REFERENCIAL
<p>“a carteira trazia” “viu a carteira” “medo de abrir a carteira” “devia levar a carteira”...</p>	repetição	<p>“pegou a carteira” (linha 4) “antes de abrir a carteira” (linha 5) “e abriu a carteira” (linha 9) “Fernanda olhou a carteira” (linha 23)</p>	repetição
<p>“apanhá-la e guardá-la” “perdia-a de uma vez.” “apanhou-a” “anunciá-la” “que a tivesse perdido” “entregar-lha” “Tirou-a do bolso” “Gustavo pegou dela”</p>	pronominalização	<p>“guardou-a no bolso” (linha 4) “dentro dela havia um cheque” (linhas 9 e 10)</p>	pronominalização
		<p>“sobraria uma graninha” (linha 12) “nem olhou os documentos” (linhas 12 e 13)</p>	introdução de novo referente ancorado no cotexto (anáfora indireta)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tivemos como objetivo analisar estratégias de **introdução e retomada/manutenção** de referentes em retextualizações de alunos e refletir sobre como se organiza o processo referencial nesse tipo de produção textual. A fim de dar conta desse objetivo, selecionamos um *corpus* constituído por cinco retextualizações de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal e comparamos as estratégias referenciais de introdução e retomada/manutenção de referentes utilizadas pelos alunos com aquelas apresentadas no conto de Machado de Assis intitulado “A carteira”, texto que serviu de fonte para a atividade de retextualização.

Considerando a nossa pretensão de analisar, a título de demonstração, estratégias referenciais utilizadas na escrita resultante de um processo de retextualização, selecionamos, por sua importância na constituição do gênero textual que serviu de origem para a produção de retextualização, dois elementos: o protagonista (Honório) e o objeto que desencadeou a complicação na estrutura da narrativa (a carteira). Com o foco nesses dois elementos, verificamos como eles foram introduzidos e retomados nas retextualizações e se as estratégias referenciais eram semelhantes ou não àquelas utilizadas no texto-fonte.

Os resultados da análise indicam que, em relação à personagem, a introdução desse referente ocorreu por meio de um nome próprio nas retextualizações, assim como no texto-fonte, e a estratégia se justifica porque, no texto narrativo, o nome próprio tem a função primordial de identificação de personagens. Como designação estável e recorrente, o nome próprio garante a continuidade de referência ao longo da narrativa, uma vez que, por meio dele, mantém-se a identidade da personagem, suporte fixo de ações diversificadas.

Para a retomada do referente, uma das estratégias utilizadas pelos retextualizadores e pelo autor do texto-fonte foi a repetição do “nome” do protagonista. Isso também se justifica porque a personagem principal é

representada majoritariamente como agente das ações nucleares que vão desencadear a complicação e a resolução na narrativa.

Por sua vez, em relação ao referente “carteira”, os resultados da análise indicam que, tanto nas retextualizações quanto no texto-fonte, esse objeto de discurso foi introduzido por expressão nominal indefinida, como esperado do ponto de vista da apresentação de um elemento novo no texto, ainda que atualmente pesquisas comprovem que expressões nominais indefinidas podem assumir também a função de retomada de referentes, conforme abordamos no capítulo 2.

Quanto à retomada desse referente, identificamos nas retextualizações ocorrências de anáforas **diretas**. A **anáfora direta**, definida pela relação de correferencialidade estabelecida entre o anafórico e seu antecedente, ocorreu de forma majoritária dentre as estratégias referenciais analisadas. Entre essas anáforas, destacamos com alto índice de ocorrência a anáfora pronominal, seguida da repetição lexical, da elipse e das expressões nominais definidas.

Quanto à anáfora indireta, uma estratégia referencial sem referente explícito no texto, que solicita do leitor a produção de inferência para o estabelecimento da continuidade referencial no texto, constatamos de modo especial sua presença no texto de Machado de Assis, nas expressões “o bojo recheado”, “o achado”, “o dinheiro”. Nesse caso, o autor solicita do leitor que ative o referente carteira, pois, é com base nele, que serão interpretados os novos referentes.

A anáfora correferencial realizada pela **repetição** lexical é uma das estratégias mais frequentes tanto nas retextualizações quanto no texto-fonte, tanto em relação à personagem “Honório” quanto em relação ao elemento “a carteira”, cumprindo funções específicas que colaboram para a organização do texto narrativo.

A repetição lexical atua como uma estratégia referencial de extrema relevância que favorece e indica relações que unem os segmentos constitutivos do texto. Essa constatação sugere uma reavaliação da forma como normalmente se aborda a repetição lexical no ensino e na prática de produção textual na escola. No contexto escolar, essa repetição tem sido submetida a exigências normativas e

convencionais, sendo muitas vezes contestada, sobretudo em detrimento de regras que se julgam aceitáveis e adequadas.

Uma interpretação reducionista e equivocada, inclusive, costuma atribuir a repetição lexical à influência da língua falada e à imaturidade cognitiva do produtor do texto para lidar com formas-padrão da língua escrita. No entanto, a repetição é uma estratégia legítima para o estabelecimento da referência no texto, como vimos em nossa análise. A reiteração de um item lexical exerce função coesiva referencial tanto em textos falados como em textos escritos, assumindo em muitos casos propósito argumentativo.

Também a **pronominalização** foi muito recorrente dentre as estratégias referenciais que aparecem nas retextualizações e no texto-fonte. As retomadas anafóricas são bem marcadas e os pronomes exercem funções de sujeito ou de objeto na narrativa, retomando informações já apresentadas e, conseqüentemente, conhecidas pelo leitor.

Os resultados revelam que a pronominalização não oferece dificuldade no que tange à identificação de seus antecedentes. Os contextos favoráveis à correferência apresentam uma forma nominal plena como antecedente pretendido, mais usualmente na posição de sujeito da oração anterior. Na análise que fizemos, o elemento de natureza temática – o protagonista – é o antecedente preferido dos retextualizadores, sendo o pronome pessoal usado correferencialmente em relação ao sujeito da oração precedente.

De modo geral, observamos em nossa análise que o emprego da pronominalização responde muitas vezes a uma exigência do texto narrativo, porquanto favorecem a continuidade referencial às entidades de que tratam a narrativa, dando origem às cadeias referenciais responsáveis pela organização global da história e, conseqüentemente, pela construção do sentido.

De modo específico, observamos nas retextualizações que os alunos apresentam flexibilidade na organização dos textos e pronominalizam tanto os referentes temáticos (os protagonistas) como os não-temáticos, na posição de

sujeito ou de objeto. A personagem principal recebe, de fato, tratamento referencial especial, visto que o maior número de ocorrências de pronominalização foi reservado a esse elemento da narrativa.

Outra estratégia referencial muito recorrente nas cinco retextualizações e no texto-fonte é a **elipse**. Seu uso se justifica, pois, nas retextualizações e no texto-fonte, há uma continuidade tópica caracterizada pela permanência, na função de sujeito, do mesmo referente, no caso, “Honório” e “a carteira”. Assim sendo, a contribuição da elipse é permitir a necessária reiteração sem fazer uso de repetições não funcionais ou de substituições artificiais.

Ainda de acordo com resultados obtidos na pesquisa, observamos que, no texto-fonte, o autor emprega, embora com apenas algumas ocorrências, **expressões nominais definidas e indefinidas** como estratégia de retomada/manutenção de referentes. Já nas retextualizações, com essa função, houve apenas duas ocorrências de expressão nominal definida e uma de indefinida.

Por fim, em relação aos resultados obtidos, ressaltamos que:

- As estratégias utilizadas pelos retextualizadores para a introdução e a retomada de referentes são muito semelhantes aos do texto-fonte, visto tratar-se de uma proposta de “retextualização” de um texto escrito para outro texto escrito com manutenção do gênero textual de origem. Vale destacar ainda que as orientações dadas pelo professor para a atividade retextualização, descritas no capítulo 4, muito contribuíram para o resultado obtido.
- A análise revela uma diversidade de tipos de designação utilizados pelos retextualizadores para retomar e manter os referentes textuais. Essas diferentes designações resultaram das intenções dos retextualizadores na circunstância particular de uso e do tipo de relação que eles queriam estabelecer com o leitor de suas histórias. Registra-se, contudo, preponderância da anáfora direta correferencial com maior manifestação das

estratégias de retomada/manutenção por meio de pronominalização e repetição.

- A análise empreendida também revela que os retextualizadores organizaram adequadamente a narrativa, embora esse não tenha sido o objetivo específico de nossa pesquisa. Em suas produções, os alunos demonstraram já ter adquirido um bom conhecimento para estruturar uma história, dado que são capazes de construir sequências de acontecimentos, estabelecer metas para as personagens e resolver complicações.
- A atividade de retextualização se mostra muito útil para o trabalho com a produção e compreensão de textos. Além de tomarem conhecimento da história do conto e de se envolverem com a trama da narrativa, os alunos também foram levados a pensar sobre o processo de elaboração do gênero em questão para produzir a retextualização, tarefa que se concretizou de modo muito positivo.
- A análise também nos permite afirmar que os alunos empreenderam tentativas na busca da coesão textual, revelando no trabalho de retextualização uma habilidade linguística e cognitiva em processo.

Esta pesquisa, longe de apresentar conclusões fechadas sobre o emprego de estratégias de introdução e retomada de referentes textuais em escritas de alunos, destaca algumas questões que se mostram significativas para o aprimoramento da produção escrita, particularmente, do texto narrativo.

Os resultados obtidos põem em evidência a força da estratégia anafórica presente nas retextualizações dos alunos representada pela **reiteração lexical**, pelo número significativo de ocorrência **pronominal** e pelo uso das **elipses** para a coesão e coerência dos textos. Importante frisar que, na busca pela construção de sentidos de um texto, vários fatores são considerados, desde conhecimentos linguísticos até conhecimentos de mundo, passando por conhecimentos textuais e interacionais.

As considerações feitas acerca da referenciação, da anaforização e da retextualização serviram para corroborar o que os estudiosos do fenômeno da referenciação vêm defendendo:

- Os falantes e escritores fazem uso de variadas estratégias referenciais;
- Os referentes são objetos de discurso e são construídos e reconstruídos no interior do modelo textual;
- A referenciação é uma atividade discursiva e o texto é um universo de relações sequenciadas, porém não lineares;
- A retextualização de textos dos mais diferentes gêneros é uma prática possível, pois o uso da língua se dá no discurso realizado em textos e somente a aprendizagem de normas e regras gramaticais não é prioritária.

Não “ensinamos” a língua, mas os “usos” da língua. Dessa forma, acreditamos que a análise feita aqui possa contribuir para o ensino de Língua Portuguesa, especificamente, no sentido de explorar, junto aos alunos, estratégias de referenciação que contribuem para a produção e a compreensão de textos. Sabemos que é necessário o estudo e a reflexão sobre como trabalhar a questão da referenciação e da retextualização nas aulas de escrita e de leitura, pois trabalhar com a linguagem em uso exige que os professores conheçam como ocorre esse funcionamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, Jean-Michel. **Entre dito e não-dito: da elipse ao implícito.** In: _____ A Linguística Textual. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi, Eulália era Lúcia F. Leurquin. São Paulo: Cortez, 2008, p. 172-179.

_____. **Tipos de ligação das unidades textuais de base.** In: _____ A Linguística Textual. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi, Eulália era Lúcia F. Leurquin. São Paulo: Cortez, 2008, p. 131-146.

APOTHÉLOZ, Denis. **Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual.** In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena. (orgs.). Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003, p. 53-84.

ASSIS, Machado. **A carteira.** In: Obra completa volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979. p. 961-963.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram.** In: KOCH, Ingedore Villaça, MORATO, Edwiges, BENTES, Anna Christina. (orgs.). Referenciação e Discurso. São Paulo: Contexto, 2005. p. 125-149.

_____, Mônica Magalhães. **A construção do referente no discurso.** In: Mônica Magalhães Cavalcante; Mariza Angélica Paiva Brito. (orgs.). Gêneros textuais e referenciação. Fortaleza: Prottexto, 2004, v. 1, p. 1-13.

_____, Mônica Magalhães. **Expressões Referenciais – uma proposta classificatória.** Revista cadernos de estudos linguísticos. Campinas. V. 44 p. 105-118, Janeiro/Junho/2003.

_____, Mônica Magalhães. **Dêiticos discursivos - um caso especial de referenciação indireta?/ Comunicação apresentada por ocasião do 50º. Seminário do GEL.** São Paulo: USP, 2002.

CONTE, Maria-Elizabeth. **Encapsulamento anafórico.** In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena. (orgs.). Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003, p. 177-190.

CORTEZ, Suzana Leite. **Referenciação e ponto de vista: constituição de instâncias discursivas para orientação argumentativa na crônica de ficção**. In: KOCH, Ingedore Villaça, MORATO, Edwiges, BENTES, Anna Christina. (orgs.). Referenciação e Discurso. São Paulo: Contexto, 2005. p. 317-337.

CUNHA-LIMA, Maria Luiza; KOCH, Ingedore Villaça. **Do cognitivismo ao sociocognitivismo**. In: BENTES, A. C. & MUSSALIM, F. (orgs.) Introdução à Linguística: Fundamentos epistemológicos. Vol. 3. São Paulo, Cortez, 2007. p.251-300.

_____, Maria Luiza. **Referenciação e investigação do processamento cognitivo: o exemplo do indefinido anafórico**. In: KOCH, Ingedore Villaça, MORATO, Edwiges, BENTES, Anna Christina. (orgs.). Referenciação e Discurso. São Paulo: Contexto, 2005. p. 196-218.

_____, Maria Luiza. **Indefinido, anáfora e construção textual da referência**. Campinas, SP. 2004. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

DELL' ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FRANCIS, Gill. **Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais**. In: CAVALCANTE, M.M; RODRIGUES, B.B; CIULLA, A. (orgs.) Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 191-228.

ILARI, Rodolfo. **Anáfora e coerência: por que as duas noções não se identificam?** Cadernos de estudos linguísticos, 41. Jul/Dez, 2001. p. 91-109.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrita e progressão referencial**. In: Ler e escrever: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009. p. 131-144.

_____. **As formas nominais anafóricas na progressão textual**. In: As tramas do texto. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008. p. 27-59

_____. **A Referenciação**. In: Desvendando os segredos do texto. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2006a. p. 77-110.

_____. Referenciação. In: _____ (org.). **Introdução à Linguística Textual**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006b. p. 51-78.

_____; ELIAS, Vanda Maria. **Referenciação e progressão referencial**. In: *Ler e compreender os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 123-135.

_____. **Referenciação e orientação argumentativa**. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 33-52.

_____. **Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial**. In: *Sentido e significação – em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **O texto: Construção de Sentidos**. In: _____ *O texto e a construção dos sentidos*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 25-30.

_____; MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Processos de Referenciação na produção discursiva**. In: *DELTA* v. 14 n. especial. São Paulo, 1998.

_____. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. **Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso**. In: *Veredas, revista de estudos linguísticos*. Juiz de Fora, v.6, n.1, p. 29-42.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Anáfora indireta: O barco textual e suas âncoras**. In: Koch, Ingedore Villaça. MORATO, Edwiges Maria. BENTES, Anna Christina (orgs). *Referenciação e Discurso*. São Paulo, Contexto, 2005, p. 53-101.

MATENCIO, Maria de Lourdes M. **Retextualização de textos acadêmicos: leitura, produção de textos e construção de conhecimentos**. Projeto de Pesquisa/FAPEMIG. Belo Horizonte: PUC MINAS. 2001.

MILNER, Jean-Claude. **Reflexões sobre a referência e a correferência**. In: CAVALCANTE, M.M; RODRIGUES, B.B; CIULLA, A. (orgs.) Referenciação. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 85-130.

MONDADA, Lorenza. **A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica**. In: KOCH, I; MORATO, E.M; BENTES, A.C. (orgs). Referenciação e Discurso. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-31.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. **Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação**. In: CAVALCANTE, M.M; RODRIGUES, B.B; CIULLA, A. (orgs.) Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-49.

ZAMPONI, Graziela. **Estratégias de construção da referência no gênero popularização da ciência**. In: KOCH, I; MORATO, E.M; BENTES, A.C. (orgs). Referenciação e Discurso. São Paulo: Contexto, 2005. p. 169-195.

_____. **Processos de referenciação: anáforas associativas e nominalizações**. Campinas, SP. 2003. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

ANEXOS – textos originais coletados

TEXTO 1

Professor " Cid Chiarelli " da "Fundação Educacional Guaçuana "

Professora: Eloisa **Disciplina:** Português

Nome: Lana Caroline Colla Nº 26 8º série A

A Carteira

Em uma tarde de sol, Honório estava andando na rua perto de sua casa, já era uma 5 horas da tarde quando viu na esquina um pedaço de couro, então chegou mais perto e viu que aquilo era uma carteira e parecia estar com muito dinheiro, porque estava cheia e estufada.

Honório olhou para todos os cantos da rua e percebeu que ninguém tinha mais visto, somente ele, e então esticou o braço para apanhá-la. Ao colocá-la dentro do bolso, então um senhor estava saindo de uma loja e lhe disse:

- Se não desse conta poderia ter perdido.

Honório sorriu, e apenas balançou a cabeça, estava tenso e não sabia de quem era e nem a menos se a pessoa já pudera ter dado falta. Assim foi pensando sobre o que iria fazer com a carteira durante o trajeto para casa, então resolveu ir parar em uma lanchonete pedir um café, ficou tão distraído que nem se deu conta das horas que já tinham passado, então decidiu ir embora para casa, pois já estava de noite.

A caminho da casa foi pensando no que irá fazer se iria devolver ou se tivesse dinheiro, pegar, pois suas condições financeiras estavam muito críticas, Honório estava devendo uma grande quantia em dinheiro e não tinha como pagar.

Mas mesmo assim resolveu abri-la no dia seguinte. Chegou em casa e ficou com sua mulher, jantou e logo depois foi se deitar.

Na manhã seguinte, Honório resolveu abrir a carteira, ao abrir teve uma surpresa! Na carteira havia muito dinheiro. Ali continha tudo que precisava para pagar suas dívidas, mas também viu que continha alguns bilhetinhos que nem chegou a abrir e um cartão de visita. Olhou o nome e viu que era de seu grande amigo Gustavo C. ao perceber isso Honório ficou chocado, Gustavo era um grande amigo e não podia pegar seu dinheiro, Gustavo sempre estava na sua casa, era amigo de sua mulher também. Era um grande problema a ser resolvido.

Então Honório foi embora para sua casa pensando no que iria fazer.

Chegando lá, Gustavo C. estava em sua casa com uma cara de assustado e sua mulher tensa então perguntou:

- O que aconteceu com você?

Gustavo não quis falar que tinha perdido sua carteira.

Honório tornou a perguntar, tem certeza principalmente com você Gustavo.

Gustavo ficou pálido, não conseguia falar.

- Você não perdeu sua carteira Gustavo?

Gustavo olhou e ficou com medo, porque lá continha alguns segredos que ninguém poderia ver, mas mesmo assim respondeu que havia perdido.

Honório com um sorriso no rosto deu a carteira para o amigo.

Gustavo apanhou de sua mão e saiu com um soco na porta.

Honório não sabia o que tinha acontecido então sua mulher ao ver o fato resolveu contar a Honório, dizendo - lhe que tinha um caso com Gustavo. Ao escutar isso, Honório ficou muito bravo e expulsou a mulher de casa e disse que nunca mais queria vê-la de novo.

Assim Honório foi morar com dois primos em outra cidade bem distante dali, e vendeu a casa, para pagar suas dívidas, com ela quitada poderia começar uma nova vida em outro lugar.

TEXTO 2

M Bom!

Nome: Pedro S.M. Pappa

8ª série B

Dr.

O Homem e a Carteira

O dia Antonio andava calmamente pela rua, quando, de repente, por ironia do destino, ele alça para o chão. E vê uma carteira, não está em pegada, enfia-a no seu bofugo, e saindo andando, chegando a seu destino, uma cafeteria, sentou-se, e analisou a carteira, notou-se logo que ela estava cheia de dinheiro e de algumas cartas e bilhetes indos. Antonio não se preocupou com os bilhetes e sim em contar o dinheiro, tinham exatamente \$ 5.000 dólares. Antonio pensou em usar o dinheiro para quitar suas dívidas, mas ficou com dor na consciência, e procurou algum documento, encontrou o RG de seu "amigo" Jacão, na verdade os dois eram mais do que amigos. Então, Antonio foi a casa de Jacão mas não o encontrou, então foi a padaria e o encontrou, e sempre vai conversar nem até que Antonio entregou a carteira. Jacão agradeceu e foi saindo. despediu-se de Antonio e por embora, chegou a uma floricultura, onde trabalhava Maria, retirou um dos bilhetes indos de sua carteira e entregou-lhe a Maria que ficou toda vermelhinha e o rasgou em mil pedaços.

Moral: mais vale ser curioso agora, do que como amante.

TEXTO 3

Alan Ricardo n=01 8ª série D 3

ST000000 ATAQ DATA / / 0000

Carlito e a carteira

Em um dia de sol Carlito passeava pela sua cidade lentamente, pensando em sua vida que já não estava muito boa devido ao seu desemprego, que agravou despesas que no caso, não poderiam ser pagas, devido à falta de dinheiro de Carlito. Cindando, ele se deparou com uma carteira, carteira estufada, sinal de muito dinheiro.

Carlito pegou a carteira, muito atento ao seu redor. Carlito com cuidado pegou a carteira e escondeu-a em seu bolso. Assim foi para casa pensar no que faria com carteira, mas fez tudo isso sem abrir a estufada carteira.

Passaram-se várias horas até que Carlito decidiu então abrir a carteira. Ele abriu-a e foi logo procurando se existia algum documento lá dentro. Carlito procurou e não achou nenhuma identificação, e assim feliz, foi para a repartição da Carteira onde geralmente fica o dinheiro, mas lá não tinha dinheiro mas sim várias contas a pagar.

Carlito ficou aborrecido e colocou a carteira de volta no lugar onde ele tinha achado-a.

TEXTO 4

Nome: Thiago da Rocha G. de Oliveira 3-B
 "A traição de um amigo"

Rafael era deputado federal, morava em Brasília, tinha uma esposa muito estranha gente e duas crianças terríveis, sua mulher amava ir ao shopping nos finais de semana e adorava sair à noite.

Com todos os custos do shopping e restaurantes caros, Rafael saiu em dívidas gigantescas pagando prestações de lojas que nunca acabaram.

Rafael tinha um grupo de infâncas chamado Pedro, ele comemorava todos os dias com Rafael pois eles trabalhavam juntos, na câmara federal.

Numa tarde Rafael estava indo até o ministério da fazenda para uma reunião, ele estava para entrar no ministério quando achou uma carteira ele teve uma ótima reação, pois era a solução de seus problemas.

Depois ele se sentou na sala de espera e abriu a carteira, ela estava recheada de dólares, pelo que ele pensou tinha cerca de 1000 \$, isso pagaria todos seus dívidas, mas quando ele abriu bem, tinha um cartão de visitas que era de seu amigo Pedro e uma carta ele não resistiu e abriu a carta quando viu que a carta era para sua mulher.

ele ficou super nervoso com isso e fez uma coisa muito ruim com os deuses, mas ele perdeu o controle e pegou uma arma e matou seu melhor amigo.

TEXTO 5

Nome: Bruna Lenor

8^ª B.

O casal de Sorte

Em um fim de tarde quando André voltava para sua casa, depois de dia inteiro procurando emprego, pois acabara de ser mandado embora, passando pela praça avistou uma carteira, sem pensar duas vezes pegou a carteira e guardou-a no bolso.

Antes de abrir a carteira, a primeira coisa que lhe veio em mente, foi sua dívida por ter comprado um carro revinto, e que por sua vez estava no quincê, pois sua mulher Fernanda estava dirigindo para a biblioteca. Sua dívida no total era de R\$40.000,00, mas escarcia de todos, es por problemático. Ele parou em um dos bancos da praça e abriu a carteira, dentro dela havia um cheque no valor de R\$50.000. Ele ficou assustado e ao mesmo tempo feliz, pois com essa quantia poderia pagar o carro, terminar de pagar o, e ainda sobriaria uma gracinha. Não olhou os documentos que ali tinha.

Voltou para casa muito contente, mais percebeu que Fernanda estava triste e muito furiosa, ela disse:

- André você não sabe o que me aconteceu?
- O que foi meu bem?
- Lembra quando você me pediu para parar com meus jogos da Mega-Sena? Então eu não parei, e hoje me ligaram aqui, dizendo que tinha ganhado um valor de R\$50.000, mas na hora em que eu estava vindo embora, eu acabei perdendo minha carteira.
- Fernanda eu achei uma carteira com um cheque nesse valor!

Fernanda olhou a carteira que André havia encontrado, e a carteira realmente era dela. Eles ficaram muito felizes! Saíram para comemorar, a noite!



ANEXOS – textos originais coletados

TEXTO 1

Professor " Cid Chiarelli " da "Fundação Educacional Guaçuana"

Professora: Eloísa **Disciplina:** Português

Nome: Lana Caroline Colla Nº 26 8º série A

A Carteira

Em uma tarde de sol, Honório estava andando na rua perto de sua casa, já era uma 5 horas da tarde quando viu na esquina um pedaço de couro, então chegou mais perto e viu que aquilo era uma carteira e parecia estar com muito dinheiro, porque estava cheia e estufada.

Honório olhou para todos os cantos da rua e percebeu que ninguém tinha mais visto, somente ele, e então esticou o braço para apanhá-la. Ao colocá-la dentro do bolso, então um senhor estava saindo de uma loja e lhe disse:

- Se não desse conta poderia ter perdido.

Honório sorriu, e apenas balançou a cabeça, estava tenso e não sabia de quem era e nem a menos se a pessoa já pudera ter dado falta. Assim foi pensando sobre o que iria fazer com a carteira durante o trajeto para casa, então resolveu ir parar em uma lanchonete pedir um café, ficou tão distraído que nem se deu conta das horas que já tinham passado, então decidiu ir embora para casa, pois já estava de noite.

A caminho da casa foi pensando no que irá fazer se iria devolver ou se tivesse dinheiro, pegar, pois suas condições financeiras estavam muito críticas, Honório estava devendo uma grande quantia em dinheiro e não tinha como pagar.

Mas mesmo assim resolveu abri-la no dia seguinte. Chegou em casa e ficou com sua mulher, jantou e logo depois foi se deitar.

Na manhã seguinte, Honório resolveu abrir a carteira, ao abrir teve uma surpresa! Na carteira havia muito dinheiro. Ali continha tudo que precisava para pagar suas dívidas, mas também viu que continha alguns bilhetinhos que nem chegou a abrir e um cartão de visita. Olhou o nome e viu que era de seu grande amigo Gustavo C. ao perceber isso Honório ficou chocado, Gustavo era um grande amigo e não podia pegar seu dinheiro, Gustavo sempre estava na sua casa, era amigo de sua mulher também. Era um grande problema a ser resolvido.

Então Honório foi embora para sua casa pensando no que iria fazer.

Chegando lá, Gustavo C. estava em sua casa com uma cara de assustado e sua mulher tensa então perguntou:

- O que aconteceu com você?

Gustavo não quis falar que tinha perdido sua carteira.

Honório tornou a perguntar, tem certeza principalmente com você Gustavo.

Gustavo ficou pálido, não conseguia falar.

- Você não perdeu sua carteira Gustavo?

Gustavo olhou e ficou com medo, porque lá continha alguns segredos que ninguém poderia ver, mas mesmo assim respondeu que havia perdido.

Honório com um sorriso no rosto deu a carteira para o amigo.

Gustavo apanhou de sua mão e saiu com um soco na porta.

Honório não sabia o que tinha acontecido então sua mulher ao ver o fato resolveu contar a Honório, dizendo - lhe que tinha um caso com Gustavo. Ao escutar isso, Honório ficou muito bravo e expulsou a mulher de casa e disse que nunca mais queria vê-la de novo.

Assim Honório foi morar com dois primos em outra cidade bem distante dali, e vendeu a casa, para pagar suas dívidas, com ela quitada poderia começar uma nova vida em outro lugar.

TEXTO 2

M Bom!

Nome: Pedro S.M. Pappa

8ª série B

Dr.

O Homem e a Carteira

O Dr. Antonio andava calmamente pela rua, quando, de repente, por ironia do destino, ele ^{est}aba para a chão. E vê uma carteira, não estava em pegada, enfia-a do seu bolso, e saindo andando, chegando a seu destino, uma cafeteria, senta-se, e analiza a carteira, nota-se logo que ela estava cheia de dinheiro e de algumas cartas e bilhetes indos. Antonio não se preocupa com os bilhetes e sim em contar o dinheiro, tinham exatamente \$ 5.000 dólares. Antonio pensa em usar o dinheiro para quitar suas dividas, mas fica com do na consciencia, e procura algum documento, encontram o RG de seu amigo João, na verdade os dois eram mais do que amigos. Então, Antonio vai a casa de João mas não o encontram, então vai a padaria e o encontram, e conversa vai conversa sem até que Antonio entrega a carteira. João agradencia e vai saindo. despediu-se de Antonio e for embora, chega a uma floricultura, onde trabalhava Maria, retira um dos bilhetes de uma carteira e entrega-lhe a Maria que fica toda vermelha e o racha em mil pedações.

Moral: mais vale ser curioso agora, do que como amante.

TEXTO 3

Alan Ricardo

nº 01

8ª série D

3

ST000000

ATAQ

DATA

/

/

0000

Carlito e a carteira

Em um dia de sol Carlito passeava pela sua cidade lentamente, pensando em sua vida que já não estava muito boa devido ao seu desemprego, que agravou despesas que no caso, não poderiam ser pagas, devido à falta de dinheiro de Carlito. Quando, ele se deparou com uma carteira, carteira estufada, sinal de muito dinheiro.

Carlito pegou a carteira, muito atento ao seu redor. Carlito com cuidado pegou a carteira e escondeu-a em seu bolso. Assim foi para casa pensar no que faria com a carteira, mas fez tudo isso sem abrir a estufada carteira.

Passaram-se várias horas até que Carlito decidiu então abrir a carteira. Ele abriu-a e foi logo procurando se existia algum documento lá dentro. Carlito procurou e não achou nenhuma identificação, e assim feliz, foi para a repartição da Carteira onde geralmente fica o dinheiro, mas lá não tinha dinheiro mas sim várias contas a pagar.

Carlito ficou aborrecido e colocou a carteira de volta no lugar onde ele tinha achado-a.

TEXTO 4

Nome: Thiago da Rocha G. de Oliveira 8-B
"A traição de um amigo"

Rafael era deputado federal, morava em Brasília, tinha uma esposa muito estranha-gente e duas crianças terríveis, sua mulher amava ir ao shopping nos finais de semana e adorava sair à noite.

Com todos os custos do shopping e restaurantes caros, Rafael saiu em dívidas gigantescas, prestações de lojas que nunca acabaram.

Rafael tinha um grupo de infância chamado Pedro, ele comemorava todos os dias com Rafael, pois eles trabalhavam juntos, na câmara federal.

Numa tarde Rafael estava indo até o ministério da fazenda para uma reunião, ele estava para entrar no ministério quando achou uma carteira, ele teve uma ótima reação, pois era a solução de seus problemas.

Depois ele se sentou na sala de espera e abriu a carteira, ela estava recheada de dólares, pelo que ele pensou tinha cerca de 1000 \$, isso pagaria todos seus dívidas, mas quando ele abriu bem, tinha um cartão de visitas que era de seu amigo Pedro e uma carta, ele não resistiu e abriu a carta quando viu que a carta era para sua mulher.

ele ficou super nervoso com isso e fez uma carta satisfatória com os deuses, mas ele perdeu o controle e pegou uma arma e matou seu melhor amigo.

TEXTO 5

Nome: Bruna Lenor

8^ª B.

O casal de Sorte

Em um fim de tarde quando André voltava para sua casa, depois de dia inteiro procurando emprego, pois acabara de ser mandado embora, passando pela praça avistou uma carteira, sem pensar duas vezes pegou a carteira e guardou-a no bolso.

Antes de abrir a carteira, a primeira coisa que lhe veio em mente, foi sua dívida por ter comprado um carro revinto, e que por sua vez estava no quincê, pois sua mulher Fernanda estava dirigindo para a biblioteca. Sua dívida no total era de R\$40.000,00, mas escarcia de todos, es por problemático. Ele parou em um dos bancos da praça e abriu a carteira, dentro dela havia um cheque no valor de R\$50.000. Ele ficou assustado e ao mesmo tempo feliz, pois com essa quantia poderia pagar o carro, terminar de pagar o, e ainda sobriaria uma gracinha. Não olhou os documentos que ali tinha.

Voltou para casa muito contente, mais percebeu que Fernanda estava triste e muito furiosa, ela disse:

- André você não sabe o que me aconteceu?
- O que foi meu bem?
- Lembra quando você me pediu para parar com meus jogos da Mega-Sena? Então eu não parei, e hoje me ligaram aqui, dizendo que tinha ganhado um valor de R\$50.000, mas na hora em que eu estava vindo embora, eu acabei perdendo minha carteira.
- Fernanda eu achei uma carteira com um cheque nesse valor!



Fernanda olhou a carteira que André havia encontrado, e a carteira realmente era dela. Eles ficaram muito felizes! Saíram para comemorar, a noite!

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)